

A DAMA BRANCA
DE
LANCELOT



Christina Nunes

Setembro de 2012

Apresento-lhe, caro leitor a terceira parte da trilogia redigida em formato de contos Arthurianos, publicados em e-books e narrados em prequel – do último para o primeiro capítulo – cujo protagonista é o legendário Cavaleiro Lancelot, cujas histórias tanto renderam em livros e filmes no decorrer dos tempos, e, especialmente, nas últimas décadas do findo século recente.

*É este **A Dama Branca de Lancelot** o começo, e, a um só tempo, a conclusão da trama que, iniciada com o conto **Eu Fui Lancelot**, nos apresenta as aventuras do mestre de armas da Távola com componentes novos, embora respeitando a essência da tradição.*

*A principal mudança, como poderá o leitor avaliar, se refere ao contexto amoroso da vida do Cavaleiro, para quem é destinada, a conta de dama merecedora de seu amor e lealdade fiel, até ao sacrifício heroico, não exatamente a rainha Guinevere, esposa de Arthur – em verdade, segundo correntes fidedignas, uma personagem também fictícia, introduzida por Chrétyen de Troyes, que, ao produzir o seu **Lancelot, o Cavaleiro da Carroça**, mesclou componentes à saga obedientes aos interesses dos enredos políticos e sociais de seu tempo, na França de então.*

Apresento-lhes, nesta posição importante, Alexia - uma irmã mais nova de Arthur que, se se pode atribui-la fictícia nas tramas Arthurianas, no entanto, e com a vênica da licença poética, permiti-me trazê-la a Camelot, e à história de vida deste principal Cavaleiro, inspirada pelo sentimento que me a segreda muito mais coerente para um envolvimento amoroso com o perfil psicológico deste personagem do que a rainha, cujo romance de caráter dúbio com ele retrataria, entre o rei bretão e seu mais fiel guerreiro, um contexto melindroso e esquerdo do ponto de vista dos códigos de honra da cavalaria, próprios daqueles tempos.

*Assim, e após vermos Lancelot já francamente envolvido com Alexia no conto metade medieval, metade místico, **Lancelot e a Velha**, e , no primeiro episódio, reencarnado em épocas atuais por sob a aparência moderna de um guia turístico em Londres, em **Eu Fui Lancelot**, o teremos, aqui, retornando com os Cavaleiros e Arthur da batalha final em Badon Hill, de encontro à ansiada liberdade com a qual sonharam durante todo o repertório de lutas heroicas travadas como servidores do Império Romano. Mas destinado, também, a reencontrar por sua vez, e inesperadamente, esta enigmática personagem, pela qual nutrira, outrora, um amor profundo, com origens nos tempos apagados de sua primeira juventude - todavia, tendo-a reputado perdida, com o decorrer dos anos e das amarguras vivenciadas nos enredos violentos das guerras vencidas*

para Arthur, com denodo, coragem e heroísmo - embora de dentro de um contexto rude de realidade que terminara por roubar, no leal mestre de armas, quase que totalmente, os resquícios de esperanças de ser, ele, capaz de admitir qualquer chance da presença do amor e de um futuro enlace matrimonial, no percurso restante de sua vida...

Desejando que a leitura seja agradável aos que de algum modo são apaixonados pelas crônicas Arthurianas das mais diversas modalidades, ofereço-lhes o arremate desta trilogia, apostando em bons momentos de sonhos e de sadio entretenimento.

Christina Nunes

Setembro de 2012

Fase de inverno rigoroso na Bretanha. O Império Romano retirara-se, recente e definitivamente, daqueles domínios.

Arthur e seus Cavaleiros, aliviados, dão entrada a toda, galopando para dentro da cidadela fortificada. E, antes mesmo que apeassem, são saudados calorosamente por soldados, pelo povo e autoridades religiosas e militares presentes, após aquela última missão de guerra bem-sucedida.

De mistura com a população do lugar em rebuliço barulhento, vão identificando, apesar da exaustão, vários rostos conhecidos, dentre pares, amigos e as mulheres de alguns deles.

Sabem que antes dos festejos, e da chance de relaxarem de fato após tantos anos mergulhados no inferno das batalhas, há que se reunirem ainda uma última vez com o bispo, e com alguns superiores romanos, para as formalidades finais a cumprir. E só então poderiam beber e se entregar, enfim livres, aos seus projetos particulares de vida, dirigindo-se a seus castelos, a outros objetivos, negócios, ou a seus lugares distantes de origem.

O momento representava a iminência de relativa separação para aqueles guerreiros que, mais do que soldados de elite arregimentados pelo Império Romano, altamente reputados pelo seu renome de bravura e heroísmo, forjaram laços de lealdade e de amizade indissolúveis entre si, com o passar lento dos anos dividindo dramas e dificuldades em comum.

Todos barões de reputação ilibada, detentores de fortunas, todavia, haveriam de manter seu vínculo estreito de convivência, de parceria militar e de interesses, quando afinal, em Camelot, reafirmassem a continuidade de seu pacto de Irmandade na defesa daquele reino e de várias outras finalidades em comum.

Em meio aos ventos intensos daquela tarde frígida, eles foram apeando e entregando as rédeas de suas montarias aos cavaleiros em posição de respeitosa prontidão no meio da algazarra eufórica em torno, que dezenas de soldados romanos tentavam inutilmente conter.

Bohrs, de imediato, identificou sua mulher, risonha e como sempre bonachona entre um grupo de crianças de idades variadas, que eram seus filhos, e, eufórico e barulhento, abraçou-os todos. Arthur praticamente desapareceu em meio a um aglomerado de guardas e autoridades que o cercaram, sob a proteção reforçada da armada romana, seguido de perto por Gawain, Dagonet, Galahad, Lancelot e Tristan, e outros. Esses últimos não conseguiam esconder de todo nos modos a expectativa pelas novidades das próximas horas, que os libertariam definitivamente de seus compromissos com as autoridades romanas para que saíssem em busca de suas metas particulares.

Em meio à movimentação intensa, Gawain comentou para Lancelot, que caminhava a seu lado sério e sem esconder o cansaço na fisionomia algo exaurida.

- Olha, Lancelot, para aquelas beldades que, reunidas, observam, sorridentes, a nossa chegada... – E o Cavaleiro sorria, experimentando certa renovação de ânimo – Que bela recepção nos aguarda, ao que tudo indica, não? E, escuta... – Ele cutucou-o, ainda, e apontou, discretamente, franzindo a testa – Não te lembra, aquela jovem encapuzada, alguém que conhecemos?...

Indicava, ao passo que falava e caminhava, a moça resguardada a um ângulo mais afastado das outras três, sem emitir palavra, com o rosto velado sob manto branco e capuz, cuja tez branca e longos cabelos cor de trigo fariam supor, talvez e antes, se sob a luz solar, a aparição fascinante de uma fada brilhante, embora velada, recepcionando-os.

Não obstante a postura recolhida, via-se que acompanhava atentamente o acontecimento popular dominado por grande alarido, como se interessada detidamente, e de maneira particular, nalgum aspecto do mesmo.

Lancelot chegou a fixar-lhe a vista com curioso interesse, tentando detectar a identidade da personagem segundo as impressões de Gawain. Mas de repente o chamado alto de Arthur, convocando-os a reunião de urgência, arrancou-o daquelas considerações secundárias, e ele acabou arrematando o assunto de maneira distraída.

- Uma fada brilhante, sem dúvida, Gawain; mas não me lembro de tê-la visto em ocasião nenhuma antes!

E, afastando-se junto com os demais Cavaleiros, ainda relanceou, intrigado, os olhos escuros no delicado vulto de mulher que agora parecia se esquivar e querer fazer por onde se afastar dali, como se arisca em relação a alguma coisa.



Pouco mais de duas horas passadas, com os últimos arremates formais resolvidos, enfim todos se viram liberados para espairar da exaustão tensa das últimas semanas e passar a assuntos mais descontraídos, em festejos que se principiavam em volta de fogueiras acesas que espargiam calor reconfortante na área larga do terraço da fortaleza. Embora, aos Cavaleiros, restasse alguma ansiedade, remanescente do teor complicado da reunião mantida momentos antes com superiores religiosos e militares de Roma que, aparentemente, relutavam em liberá-los de vez de suas obrigações junto ao Império, no intrincado jogo de interesses de molde a lançar sempre novas complicações políticas que estendiam indefinidamente a sua situação de subserviência.

Todavia, o decorrer dos dias posteriores lhes revelaria em definitivo a solução para aquele impasse. E todos, por ora, ansiavam apenas por algum remanso que os aliviasse da carga insuportável de tensão que os flagelara durante todos os últimos meses de uma luta contra os saxões que ainda não se extinguiu de todo. Assim, Arthur compreendia a necessidade de liberar seus Cavaleiros, já de posse do seu salvo-conduto apesar de tudo, a alguns momentos de descontração e festividades regadas fartamente a bebidas e alimentos odorosos.

Enquanto reuniam-se, aos poucos, nas mesas espalhadas pelo ambiente movimentado da celebração iluminada feericamente por archotes e fogueiras que aplacavam a friagem gélida do anoitecer rápido do inverno nas terras bretãs, Galahad, empunhando já o seu caneco cheio com vinho até a boca, sentou-se descontraidamente ao lado de Dagonet, comentando, com um meneio malicioso:

- Olha lá, Dagonet! Olha com quem Lancelot está de conversa, embora na maior discrição!

Dagonet tinha ao colo uma mocinha que de há tempos cortejava com um pouco mais de seriedade do que o usual no seu perfil aventureiro. Desviou-se do beijo que lhe comprimia de forma sedenta, para atender ao que o outro lhe indicava, à distância.

Olhou, portanto, e, rasgando na mesma hora um sorriso zombeteiro, viu Lancelot trocando algumas palavras com Guinevere, cujo conteúdo mal conseguia supor, de dentro das situações dúbias e consequentes mexericos que a suspeita proximidade entre

os dois nos últimos tempos vinha provocando em toda gente, desde que se sabia do interesse existente também entre ela e o chefe bretão.

- Minha nossa, Galahad! Estarão matando as saudades?! Lancelot está querendo encrenca, não é o que também acha?!...

Ria-se, não apenas ele, como a jovem ruiva que tinha enlaçada a si, a observar também a cena compartilhando dos significados picantes do mesmo. E ela arriscou um comentário de entremeio à conversa entre os dois guerreiros, surpreendendo-os.

- Rá! Galahad! Vocês mal chegaram, e a volta de todos promete boas agitações para os próximos tempos! Não tenham dúvidas!

Dagonet deu-lhe um tapa de brincadeira nos quadris.

- Que queres profetizar com isso, pequena feiticeira?! – Questionou dela, sem querer emprestar àqueles vaticínios maior seriedade do que era prudente de se atribuir aos mexericos habituais, mas Rayene, a isso, encarou-lhe incendiariamente o olhar duvidoso.

- Todos já sabem do envolvimento de Lancelot com a saxã, e não é de hoje, Dagonet; e agora que ela e Arthur enfim não escondem também a sua proximidade séria, com vistas a compromisso, não se pode imaginar de que modo tudo isso irá acabar!

- Cala-te, jovem, pois não sabes o que dizes! – Galahad conteve um pouco a própria malícia acentuada com que principiara impensadamente aquele assunto para, cauteloso, advertir - Isto pode vir a se tornar um barulho sério, ameaçando afetar a ligação entre Lancelot e Arthur, com consequências indesejadas para todos nós! Por enquanto, tudo não passa de boataria e suposições sem fundamentos! Nada foi visto que comprove coisa alguma; portanto, acalma o teu ímpeto de fazer fuxicos!

- *Tu começaste*, Galahad! – A moça rebateu, contudo, sem se intimidar ante o tom meio autoritário do apesar de tudo denodado arqueiro da Távola – E bem sabes que não se trata somente de boataria! Ora, - Ela gesticulou - Tu e Lancelot são bem próximos! Aliás, este não é o único ingrediente que fará, num futuro bem próximo, esta situação pegar fogo!... – Insinuou, para a surpresa de ambos os guerreiros, que a esquadrinharam, entre curiosos e preocupados.

- Que quer insinuar com isso, Rayene?! – Dagonet logo cobrou, mas, a isso, a jovem espevitada entregou-se a uma risada mordaz.

- Observe, meu amor! Não perderão por esperar, se acompanharem os acontecimentos dos próximos dias!...

Dagonet e Galahad pararam, entreolhando-se, e apenas bebendo do seu vinho durante algum tempo, enquanto os festejos cresciam de alacridade e movimento; e volta e meia escorregavam os olhos curiosos pelo diálogo entre Guinevere e Lancelot, acontecendo próximo dali num ângulo reservado e mais a salvo da agitação festiva do pátio, diálogo este que, apesar de tudo, não se estendeu muito mais. Porque logo se deixaram, embora sob a troca de uns olhares notadamente significativos; e se distanciaram, cada qual para setores diferentes da celebração, encetando conversa com outros convivas presentes no local.

Não somente os dois Cavaleiros haviam espreitado a cena, instigados pela mocinha alvoroçada que acompanhava Dagonet, todavia.

Uma outra jovem – a mesma jovem loura encapuzada de branco de horas antes, quando da sua chegada, recolhida a um canto a observar tudo de maneira um tanto interessada – também se detivera num ângulo recuado e sombrio, sem ser percebida, e acompanhando atentamente aquele diálogo sugestivo entre o mestre de armas de Arthur e a moça saxã destinada a, em breve, e com o decorrer dos acontecimentos, ocupar ao lado do líder guerreiro a posição importante de rainha da Bretanha.

Ninguém repararia, destarte, na obscuridade do refúgio afastado o suficiente dos clarões das fogueiras, a perturbação misturada a repulsa flagrante que manifestava no semblante delicado e umedecido por lágrimas que lhe desciam, a revelia, dos grandes olhos azulíneos ainda ensombrados pelo manto usado na ocasião. Talvez Prachna, sua cuidadora, o detectasse; mas naquele momento a senhora, que a conhecia como ninguém, não estava ali, se deslocando de um lado para outro dos festejos a sua procura, com já acentuada preocupação pelo seu calculado sumiço.

Com a despedida entre Lancelot e Guinevere, no entanto, que ela reputou ao seu entendimento tendencioso inegavelmente lânguido e comprometedor, a moça não conseguiu olhar mais.

Obrigou-se a correr dali para o vaivém frenético de dançarinos e cantores, desaparecendo por entre Cavaleiros de Arthur, soldados romanos, e mulheres inúmeras se agitando no meio de crianças alvoroçadas, para servir a todos a contento na multiplicidade de mesas repletas de bebidas e de alimentos deliciosamente aromáticos.

Ж

- *Como hei de servi-los, Prachna!?! Anseio por reencontrar meu irmão! Mas,* nas circunstâncias, nervosa como estou, acabarei talvez por derrubar a bebida em cima de Arthur! – Ela pauseou, impertinente, fuzilando a sua cuidadora com seus enérgicos olhos de um azul cristalino – Ou, pior! Talvez que em cima do próprio Lancelot, que lhe estás renteando nos lugares à mesa! Não posso crer que queiras me impor um momento tormentoso assim!

- Quero, primeiro, que te livres deste desnecessário transtorno no teu temperamento sempre calculista, como se deve, a fim de que compareças de volta ao ambiente dos festejos com as faces isentas deste horrendo rubor que exhibes! – Devolveu a mulher, entre irônica e austera, parando um pouco no seu ir e vir diligente para sustentar a arenga com a voluntariosa pupila – *Sir* Lancelot não haverá de te reconhecer de primeira, depois de mais de cinco anos sem te rever, criança tola! Eras quase uma menina naquela ocasião, e, agora, és mulher feita!

- *Oh!!* Terei, então, mudado tanto assim, para que ele, a parte de trair torpemente os sentimentos que me protestava antes, como se ludibriando uma menina tola, ainda por cima nem se lembre mais da minha fisionomia?! *Pela deusa*, Prachna! Seriam precisos pelo menos uns dez anos de distanciamento, para que eu pudesse me assegurar do que me garante agora! – E voltando-se, fez menção em sair rápido da cozinha onde mulheres e jovens várias se movimentavam de um para outro lado na agitação de levar e trazer alimentos e bebidas, em substituição às que iam acabando com rapidez na área da fortaleza onde acontecia a celebração – *Não irei!* E tu não hás de me obrigar a passar por isso! – Disse, taxativa. Mas foi contida com energia pela robusta mulher, que, segurando-a por um braço, ainda exibindo um sorriso melífluo, forçou-a a dar meia volta; e, a isso, acabou exclamando, barulhentosamente, batendo o pé, dominada pela revolta e por irritadiça agonia, e atraindo, com tal destempero, vários olhares das mulheres presentes em agitação pela cozinha – *Não podes me obrigar a passar por tal constrangimento, depois de flagra-lo na companhia daquela saxã traiçoeira, demonstrando inescrupulosamente envolvimento com ela, para qualquer um que queira ver, quando todos sabem que ela também se volta para Arthur, correspondendo-lhe ao cerco com vistas a compromisso matrimonial, Prachna!!*

- *Cala-te*, Alexia! Sabes bem que teu irmão anseia tua presença, e só ainda não m'a cobrou, como se deve, por se ver assoberbado com compromissos, reuniões e entendimentos com os seus pares, desde que chegou! Não quero esperar que enfim venha até mim com esta finalidade, é meu dever apresentar-te, tão logo surja a oportunidade, já que foi a mim que te confiou aos cuidados, desde muitos anos atrás! E a oportunidade *é agora*, não posso esperar mais! Quanto a *Sir* Lancelot, não sejas tola! – Advertiu, assertiva - Estás enceguecida por ciúmes inúteis! Confia na minha experiência, quando te alerto de que nada digno de nota nutre, ele, por Guinevere! Ainda não te viu, apenas isso! E será questão de reencontrar-te, e, a partir daí, ter o sentimento por ti reavivado, para que esqueça da existência da saxã, e tudo retorne ao que sempre fora entre vós! – E sem querer deixar a moça entregue a renovados ataques, como pretendia, recalcitrando, passou-lhe às mãos, com energia, uma cesta grande contendo várias frutas; e empurrou-a de leve, mas com autoridade irrecusável, enquanto sobraçava mais duas garrafas de vinho, exclamando – *Anda!* Adianta-te, que minha paciência já se esgota com as tuas besteiras!



Entre amolada e grandemente constrangida, Alexia envolveu-se rapidamente no seu manto embuçado com capuz, antes de enfim ceder e adiantar-se a Prachna pela entrada do ambiente onde agora Arthur e vários de seus Cavaleiros reuniam-se em torno de uma mesa descontraindo-se e dividindo uma ceia, enquanto eram servidos pelas mulheres solícitas em movimento nos arredores, renovando alimentos e as garrafas de bebida que rapidamente se esvaziavam.

Ainda assim, ela o fez retardando os passos, de modo a permitir que à sua frente se adiantassem várias jovens irrequietas, entregues ao serviço da refeição dos homens, na tentativa, embora inútil, de camuflar-se o mais possível. Pois tão logo ganhou o ambiente espaçoso do salão ruidoso pela conversa barulhenta dos Cavaleiros, naquele momento entregues sem freios a troca de piadas e ampla hilaridade que lhes aliviavam por completo o resto da ansiedade acumulada pelos últimos tempos turbulentos de batalhas sangrentas, Arthur dirigiu, com certa curiosidade, os olhos para Prachna, de quem reconheceu de imediato o porte e os modos solícitos, sendo imitado, nisso, por alguns de seus pares mais próximos. Entre eles Lancelot e Gawain, que, estando sentado ao lado do mestre de armas, logo comentou, atraindo-lhe a atenção em certa direção.

- Olha lá, Lancelot! – Disse, com um meneio, mastigando com disposição considerável um grande pedaço de ave assada – A bela dama branca, de quando chegamos, horas atrás!

Lancelot alongou os olhos perscrutadores e agora francamente interessados para o lado onde de fato uma jovem loura e, ainda ali, embuçada de branco, movimentava-se, aparentemente um tanto tímida, ou atarantada, imitando Prachna ao servir vinho entre os Cavaleiros que solicitavam mais bebida.

Ele experimentava a mesma impressão de Arthur, contemplando curiosamente aquela jovem em cujo rosto mal detectava-se um sorriso inibido, talvez travesso, ou algo tismado de certa hilaridade - mas quase que indistinguível por debaixo daquele capuz farto que lhe ensombrou as feições de forma praticamente completa, e, aparentemente proposital.

Instintivamente, o líder bretão se colocou de pé, quando Prachna enfim se aproximou para saudá-lo; e esquadrinhou a moça que a ladeava de olhos baixos no chão, aproximando-se, ainda que um tanto trêmula, do conviva que o ladeava mais de perto, oferecendo-lhe bebida.

- *Milord...* Mais vinho?...

A voz era praticamente um sussurro inaudível; mas, entre confuso e dominado por um estranho pressentimento, Lancelot, mecanicamente, estendeu o caneco, permitindo que ela o enchesse, e reparando no nervosismo dificilmente disfarçado com que ela o fazia.

Foi quando Prachna, em reparando na curiosidade franca de Arthur parado próximo, sem poder desviar o olhar da jovem agora paralisada nas proximidades, e na intenção de livra-la também do constrangimento que a dominava toda, a olhos vistos, afinal aludiu:

- *Milord*, seja bem-vindo! É uma felicidade indescritível rever-te, mas... Não reconheces mais tua irmã, Alexia, que confiaste, anos atrás, aos meus cuidados?!

Ao menciona-lo, a experiente dama reparou tanto na imediata surpresa refletindo-se no semblante desassombrado do líder da Távola, quanto na abrupta e insopitável reação do mestre de armas sármata, que se pôs de pé num impulso brusco, esquadrinhando, sem disfarçar a ansiosa curiosidade, o delicado vulto feminino parado quase rente a si.

Mas foi Arthur quem primeiro falou.

Alargou irresistível sorriso tomado de emoção franca, e avançou, estendendo os braços para a jovem que agora, perturbada, não sabia mais o que fazer ou dizer.

- *Alexia! Minha irmã!!...*

Tímida, emocionada, enfim ela levantou para o guerreiro os belos olhos azulíneos e umedecidos por lágrimas.

Sorriu-lhe, também, sem conseguir falar nada num primeiro momento. E, diante da atenção instantânea e agora silenciosa dos demais Cavaleiros, colocando-se de pé, reverentes para com aquele momento importante de reencontro, ambos, afinal, se abraçaram estreitamente, enquanto ladeando-os junto de Prachna, sem saber o que pensar, e praticamente atônito, Lancelot não reparava no modo levemente irônico com que a senhora observava-lhe, com discreta argúcia, as mínimas reações.

Arthur distanciou a jovem um pouco, examinando-a, preso de autêntico encanto.

- Mas... mal posso acreditar que em tão poucos anos aquela menina travessa e impossível tenha se transformado na bela mulher que tenho diante de mim! – E agora estendendo os comentários entusiasmados para os amigos atentos em volta – Merlin havia me falado do espantoso desenvolvimento de minha irmã! Mas não só não me advertira devidamente destas mudanças, quanto também da novidade de que a reencontraria aqui, contigo, na fortaleza, Prachna!

- Ele nos trouxe, e me confiou que a intenção era arrematar a tua volta oferecendo-lhe também esta grande surpresa, *milord...* – Explicou a senhora, respeitosa – No entanto, ofereço-te, como devido, a surpresa, dando por cumprida a missão que me delegaste até agora, prevenindo-te de que também te devolvo promessas de preocupação e renovado trabalho... – Permitiu-se zombar um tanto, relanceando na jovem agora entre ruborizada e amolada seu olhar escrutinador – Pois a criança de antes transformou-se numa dama cheia de vontades, *Sir...*

Arthur voltou a estreita-la a si, beijando-a, e voltando-a, com um movimento gentil, para que desse frente para a mesa em torno da qual seus Cavaleiros presenciavam prazerosamente a cena em curso.

- Uma dama cheia de vontades sempre promete um destino vitorioso, Prachna! – Ele amenizou a troça, já protetor para com a moça, que afinal dirigiu-lhe um sorriso mais alentado em reconhecendo que Arthur, a quem não via havia tantos anos, ainda se mantinha aquele mesmo de outrora, amoroso e cúmplice para com ela de maneira especial dentre os outros irmãos, filhos de Uther Pendragon, então espalhados pela Bretanha com histórias de vida diversas. E, procurando ignorar Lancelot parado a seu lado com proximidade excessiva que lhe roubava inteiramente o prumo íntimo, direcionou uma saudação delicada a todos, enquanto os guerreiros, respeitosos, se inclinavam reverentemente ao anúncio seguinte de seu líder – Cavaleiros! Apresento-vos, aos que talvez não mais se recordem, minha irmã mais nova, Alexia! Conto de vossa parte, para com ela, em caráter permanente, proteção, respeito, e a estima devida a uma dama e minha familiar!

Todos os guerreiros aquiesceram de imediato, e, de boa vontade, saudaram a agora inibida Alexia com extremos de cavalheirismo. Ela agradeceu brevemente, rubra como um tomate. E voltou de novo a atenção para Arthur, que ainda a abraçava zelosamente, e para Prachna, parada nas proximidades, agora sem emitir opinião ou comentário.

Parecia ostensivamente, por não poder ou não querer fazer diferente, ignorar solenemente o principal Cavaleiro de Arthur ainda rente a si, sem conseguir, de seu lado, esconder a mistura de perplexidade com estranha emoção que o assenhoreava diante da cena inesperada na duração da ceia privativa com seu chefe e os demais

Cavaleiros, da qual não esperava mais do que descontração saudável, bebedeira e pilhérias. Todavia, em notando-o, e mais ou menos adivinhando o que motivava ambas as reações que presenciava, agora tomado de discreto divertimento íntimo, o líder da Távola afinal aludiu para a moça estranhamente encolhida em seus braços.

- Alexia, não te dás conta do teu melhor amigo dentre os meus Cavaleiros, parado a teu lado já há um bom tempo em estado de estupefação? – E para um agora desconcertado Lancelot – Choca-te, mais, a possibilidade de não ter, minha irmã, te reconhecido após estes anos, ou talvez que o contrário: a chance de tê-lo notado, embora não mais que aos demais Cavaleiros, *milord?!...*

E ria-se. Mas, enquanto num primeiro momento o guerreiro mais não fez do que esboçar leve sorriso, contido e respeitoso, em expectativa, Arthur também fez por onde compelir a jovem irmã a finalmente encara-lo, rompendo a barreira inegável do constrangimento que a tolhia.

Ela e Lancelot, enfim, se entreolharam. O guerreiro, cobrando brio para falar alguma coisa aleatória, nada embora obediente ao que lhe agitava indisfarçavelmente as emoções em estado de ebulição no íntimo.

- *Milady...* Por favor! Não me reconhece mais?!... – Sondou, um tanto nervoso, sobretudo quando a moça, dotada de um poder magnético incomum refletindo-se sempre no azul intenso e cristalino dos seus olhos, afinal fixou-o, com expressão enigmática que dificilmente denunciava o que lhe ia à mente e ao coração.

Até porque a forma como a princípio lhe respondeu o embaraço ainda mais.

- Por certo que o reconhecimento, *milord...* – Ela disse, cochichando e baixando os olhos, ainda presa do mesmo rubor extremamente constrangido de antes. E não falou mais nada.

Lancelot recordava-se com nitidez de que, anos antes, quando se despediram, e embora fosse a moça ainda jovem demais, privavam de amizade íntima e quase declaradamente apaixonada. Habitualmente abraçavam-se; chegara a lhe declarar sem meias palavras o seu amor, e, não raro, correspondendo-lhe, ela oferecia-lhe os lábios carminados aos beijos, cuja intensidade nunca disfarçara-lhe as intenções óbvias a seu respeito.

Tinham-se, portanto, e tacitamente, a conta de comprometidos amorosamente. Inclusive diante de Arthur, apesar da pouca idade de Alexia, então, impor ao Cavaleiro comedimento obrigatório aos modos, e na forma de se conduzir para com ela. E, ao se despedirem, na data de seu longo afastamento rumo às batalhas sangrentas travadas junto a Arthur e demais Cavaleiros, com a moça derramando lágrimas francas, abraçada a ele, ouvindo-lhe as promessas sinceras de que não a esqueceria, desde que também ela se mantivesse resguardada e à sua espera, deixaram em suspenso aquele envolvimento enleado de componentes amorosos quase pueris - mas, de ambas as partes, sincero.

Era por esta razão que agora o guerreiro, a despeito de tudo, e da fama tecida, um tanto à sua revelia, e ao longo dos anos, de sedutor irredimível, não conseguia atinar com a causa daquela frieza quase assustada da irmã de Arthur para consigo!

Não ocorreria a Lancelot, porém, que a aludida fama chegara, com o passar do tempo, também ao conhecimento de sua jovem e ciumenta pretendida, que, de resto, ainda caíra na infelicidade de flagrar-lhe o diálogo de perfil suspeito mantido com Guinevere, horas antes, quando da sua chegada.

E havia outros acontecimentos indesejáveis, se dando fora do seu conhecimento.

Ele, enfim, trocou com o agora meio irônico Arthur um olhar perdido, resvalando-o também em Prachna, ainda silenciosa, e parada próxima em atitude impassível, sem deixar transparecer nada dos seus pensamentos na fisionomia contrita. E, não aguentando, talvez na tentativa instintiva de quebrar satisfatoriamente aquele

impasse impossível, revestiu-se de coragem para novamente encarar a moça e insistir, respeitoso, embora dirigindo-lhe, de caso pensado, um sorriso incrédulo.

- Alexia! *Sou eu... Lancelot!* – Exclamou, meneando – Não poderei, aqui, diante do teu irmão, dar-te o abraço ao qual estamos, desde sempre, acostumados?!...

A isso, ainda mais enrubescida, de vez que não esperaria reação tão assertiva logo de começo da parte do mestre de armas, a jovem trocou com o risonho irmão um olhar inseguro.

Reparando que este parecia se divertir intensamente com o embaraço da situação, sentiu nisso uma aquiescência muda da parte dele; e, resvalando uma última vez os olhos quase assustadiços na cuidadora, que lhe dirigia, agora, um olhar veladamente malicioso, adiantou-se uns passos na direção do rapaz, renteando-o. Mas não se moveu mais do que isso.

E ele, não resistindo mais, a atraiu a si, notadamente emocionado, abraçando-a, e mergulhando uma das mãos, quase ansioso, nos seus longos e fartos cabelos da cor do trigo, derramados encantadoramente pelos ombros até à cintura.

Os Cavaleiros, a esta altura, e a um sinal discreto de Arthur, descontraíram-se e abstraíram-se da cena, retomando os seus lugares e assuntos, embora alguns trocando olhares zombeteiros entre si. O líder bretão imitou-os, e Prachna distanciou-se um tanto, mantendo-se à disposição, nas proximidades.

Lancelot beijou Alexia no rosto, repetidamente, sussurrando-lhe de novo ao ouvido, para que só ela escutasse:

- *Sou eu*, meu amor! *Lancelot!* Não tenhas medo de mim! Estarei, assim, tão diferente?!...

Todavia, para sua surpresa, a moça, agora, consentia em encará-lo, direta e voluntariamente. E devolveu-lhe a resposta baixa, acompanhada de um sorriso preso, frio, que lhe soaram, num primeiro momento, completamente ininteligíveis:

- Temo que estejas, sim, *milord...*

Ж

Enquanto os demais Cavaleiros, à exceção de uns poucos, entregaram-se sem freios aos festejos e aos efeitos transitórios, mas turbulentos, da bebedeira, na companhia de suas mulheres, ou de jovens a quem cortejavam descontraidamente, numa das raras ocasiões informais nas quais os rígidos Códigos de conduta da Cavalaria lhes permitiam alguns excessos, ao final de períodos extensos de batalha, Lancelot, a exemplo do sempre contrito Tristan, e de Arthur, e depois do reencontro inesperado e marcante com Alexia, aos poucos foi irresistivelmente se esquivando, até ao ponto de deixar o ambiente tumultuado da celebração para dirigir-se ao seu cômodo.

Desejava cerrar-se um pouco em isolamento para descansar, de fato, e enfim refletir, colocando em ordem os pensamentos entregues a uma confusão de sensações indefiníveis que o dominaram, depois de rever a linda jovem que, em verdade, jamais arredara daquele local sagrado do coração no qual todos dispomos, para ali resguardar não mais do que uma única pessoa, pelo período que for preciso, até que, enfim, os mistérios dos tempos se resolvam a ela unir-nos em caráter permanente, e sem impedimentos.

No entanto, não conseguiu refugiar-se a tempo, porque, antes que, altas horas da noite, alcançasse seu cômodo na fortaleza, alguém que também se esgueirara subrepticamente da festividade, já atarantado do barulho, e também pretendendo repousar mente e corpo, chamou-o, em tom cordial.

Era Tristan.

- *Milord!* A bebida ainda não acabou, e já te retiras? – Saudou-o com cordialidade, fazendo-o voltar-se.

Ambos os Cavaleiros se saudaram amistosamente, de início felicitando-se pela ocasião feliz que compartilhavam, e que representava, para todos, o divisor de águas tão ansiado durante anos, entre a subserviência a Roma e a liberdade, que lhes restituiria livre arbítrio completo para que imprimissem aos seus destinos o rumo que melhor lhes aprouvesse.

- Quero agora, e de fato, descansar... – Comentou, então, o mestre de armas, detendo-se um pouco em palestra com o outro experiente espadachim de Arthur – E vinho em demasia não me auxiliará, em nenhuma hipótese, a me refazer da cansaça exaustiva dos últimos três dias! – Sorriu-lhe; mas Tristan adivinhou-lhe, na expressão algo ausente do rosto, o que ele pensava e não quis comentar, pois dividiam amizade e cumplicidade suficientes para tanto.

- Não apenas o risco de se exceder no vinho te afugentou, contudo, *milord...* Mas também, e principalmente, a retirada intempestiva da tua Alexia do ambiente da celebração, pela dama de companhia que a tutorava como cão fiel! Mas, está certo que assim o seja, Lancelot! No amor, qualquer excesso sempre acaba por enojar e enfustiar!... Não é o que também sentes?

Lancelot consentiu. Mas algo que o incomodava superlativamente naquele assunto não o deixou estender-se demais sobre ele: a mesma razão que, misturada às demais emoções confusas que experimentava naquele instante, o empurrava para o momentâneo isolamento do qual sentiu repentina necessidade.

Então, só respondeu a Tristan, de início, com um sorriso dúbio. Mas o outro Cavaleiro, reparando naquilo, leu como em livro aberto o que perturbava o mestre de armas. E valeu-se da antiga e longa amizade para acrescentar um comentário a mais.

- Que haverás de fazer agora, Lancelot? Porque, bem o vejo, e sei das causas fortuitas, de maneira inesperada os acontecimentos recentes te meteram numa enrascada amorosa!...

A isso, o outro rasgou um sorriso quase que de zombaria; todavia, mais dirigido a si mesmo, ao se reconhecer na imagem exata do que as palavras de Tristan lhe revelavam.

- Não sei, Tristan; confesso que a reação de Alexia também me embaraçou! Sentia-a, de um modo ininteligível, fria, esquiva, distante! Mas, por outra, não te parece óbvio demais o que tenho que fazer? Aborrece-me, apenas, que as consequências não estejam sob o meu controle, e é sobre isto que mais desejo refletir!

- Vivi esta mesma tua situação às avessas, *milord*, no que se refere a Isolda! Pensa que tormento maior do que ter que decidir entre duas, e ainda sabendo com clareza a quem o coração te destina, é se ver refém, como Alexia na certa agora está, das decisões do outro neste sentido!... – Ponderou o rapaz, levando Lancelot a encara-lo com uma luz a mais no olhar sempre afiado como o de um falcão. E desviou o assunto para coisas mais práticas, a guisa de despedida – Até porque, bom que te lembres do conteúdo da nossa reunião de há pouco: ainda não estamos de todo libertos! Ainda há o que fazer, como acréscimo de compromissos junto a Arthur, e não adianta fazermos de conta que não é assim! Devemos-lhe, indiscutivelmente, lealdade!

Ouvindo-o, um tanto esmorecido interiormente, Tristan bem o notou, Lancelot apenas aquiesceu.

Trocou, então, com o mestre em falcoaria uma saudação final e altiva. E dirigiu-se, a passos lentos, para a alcova, onde se encerraria até o raiar do dia seguinte.



- Alexia! Preciso ter contigo, filha!...

A manhã raiara há pouco e, como de costume, a moça levantara-se cedo para desfrutar dos primeiros raios solares que vinham dissipar a aragem frígida da noite.

Ela circulava em meio ao silêncio profundo da manhã, cuidando, pensativa, de algumas mudas de flores de um canteiro próximo que ela mesma cultivara e mantinha desde a sua ida para a fortaleza na companhia de Prachna, tão logo fora anunciada a volta de Arthur e seus guerreiros.

Esses, de seu lado, ainda ressonavam profundamente, sem perspectiva de que tão cedo despertassem após a noitada de festejos e do lauto banquete regado a bebida farta, e à alacridade normal em ocasiões de comemorações depois de longos períodos em missões e guerras. E Merlin, desta forma, se aproveitara daquela pausa, durante a qual o ambiente da fortaleza era dominado por tranquilidade incomum, para abordar a jovem irmã do futuro soberano da Bretanha, que Arthur, desde algum tempo antes, confiara às suas orientações, proteção e aconselhamento junto aos zelos femininos de Prachna.

Só que a passagem dos anos havia revelado a Merlin, todavia sem surpreende-lo, determinadas particularidades incomuns de temperamento e de alma na sua pupila, que exigiram do mago branco cuidados especializados. Era, portanto, também a pretexto disso que ele a buscava agora a necessário entendimento e aconselhamento oportuno, antes que os acontecimentos mais recentes se encaminhassem para aquilo que conhecia ser inevitável no contexto de vida daquela jovem dotada de gênio, e de um caráter incomum à maioria absoluta das mulheres viventes naqueles tempos.

Voltando-se, surpreendida daquele chamado, Alexia de pronto o atendeu, avançando, embora denunciando de maneira indisfarçável na fisionomia alva e um tanto

alheia que um entrechoque emotivo agitava-lhe declaradamente as emoções, desde o dia anterior.

- Bom dia, Merlin! – Ela saudou, apesar de tudo respeitosa. E lhe entregou um ramalhete de junquinhos brancos, gentil – Com o que te vejo já a estas horas rondando por aqui? Pensei que também tu havias te cansado com as festividades de ontem, e que ainda dormias, a esta altura...

Merlin sorriu do comentário algo ingênuo, imprudente, da bela e delicada criatura que tinha diante de si, e a quem aprendera a estimar no decorrer do tempo em que atendera Arthur no sentido de tutora-la, quase que como o pai que lhe faltara desde os primeiros anos de sua infância.

- Não me é lícito entregar-me desenfreadamente a tal gênero de destemperos, senão que com alguma finalidade útil! E agora te procuro, para que possamos conversar. Há a necessidade, e inadiável, de falar e de te ouvir, e de te reservar oportunas orientações!

- A respeito de quê? – Ela interessou-se, olhando-o com certa curiosidade indolente.

Merlin passou-lhe pelos ombros o braço, e, apoiando-se em seu cajado de peregrino, atraiu-a a agradável passeio pelas cercanias dos canteiros, dirigindo os passos, porém, e de caso pensado, para mais longe do prédio senhorial, na intenção premeditada de evitar indiscrições inconvenientes.

- Com o retorno de Arthur, também para ti deverão acontecer em breve mudanças inevitáveis, jovem! E procede que te oriente no rumo mais adequado, para que a tua inexperiência e percepção enganosa de determinadas coisas não te ponham a perder! És impulsiva nas tuas emoções! E, bem sabes, aliado àqueles teus dons particulares, tal traço de temperamento torna-se bastante indesejável, em dependendo de qual situação se apresente no teu caminho!

Agora era com preocupação que Alexia se detinha e olhava mais atenta para o seu interlocutor.

- Mas... A que possível situação te referes, para me abordes com toda esta solenidade na entonação, já no começo do dia? O que pode haver no retorno do meu irmão que motive estes teus pensamentos incompreensíveis a meu respeito?!

Merlin parou também, e então, de fato sério, mediu-a.

- Bem sabes que enfrentas uma conjuntura delicada que, à tua revelia, te coloca refém da situação política do teu irmão, embora creia que transitoriamente, porque tudo há de se deslindar por si! Venho te apoiando incondicionalmente nisso, Alexia, e se o caso ainda não se tornou irreversível para ti, num sentido triste a prejudicial que te comprometeria todo o restante do curso da tua vida, é por causa da minha intervenção direta junto aos personagens principais desta complicação, que, dotados como são de mente fraca e rude, a despeito do seu poder temporal, nem suspeitam de até que ponto acontece a minha ingerência no rumo de suas decisões, a sorrelfa! Deves te lembrar de que o dia de ontem não marcou apenas a volta do teu irmão, futuro soberano da Bretanha, como já te confidenciei! Retornaram, também, todos os Cavaleiros... ou, pelo menos, o que restou deles, após o estúpido e brutal período de escravidão à Roma que todos padecemos! E, desses Cavaleiros, no que te diz respeito mais apropriadamente... *Sir Lancelot*... que te segredei também, em caráter sigiloso desde há alguns dias, te ser destinado, em breve, como tutor e teu Cavaleiro oficial, segundo desígnios de Arthur, por muito boas razões, já que teu irmão conhece melhor do que ninguém a intensidade do envolvimento afetivo que vos vincula! Só que, jovem, ante este cenário, bem te reconhecês enredada em agonia difícil de ser suportada pela tua inexperiência, e pelas variadas razões que bem conheces, envolvendo o que te digo agora, e ainda Guinevere,

a quem vens odiando com todas as forças da tua alma no crescendo de toda esta situação que encontrou o seu ápice ontem! Então, imprescindível se faz que te alerte para com o rumo das tuas atitudes impetuosas, antes que te ponhas a realizar coisas bizarras, abusando de um poder que venho te ajudando a desenvolver, mas que – e ainda! – foge do teu controle, nos teus piores instantes de desaprumo emocional!

Alexia se manteve quieta, silenciosa, ouvindo o discurso claro e esclarecedor de Merlin em resposta ao seu questionamento.

Todavia, bem notava o mago que, conforme ia falando, o semblante da moça se revestia gradativamente de um véu sombrio, e que clarões a custo contidos relampejavam-lhe nos grandes olhos azuis cristalinos, enquanto suas palavras evocavam nela lembranças e emoções convulsionadas, guardando origem nos seus piores temores e ressentimentos.

Merlin, enfim, terminou de falar. E se manteve um pouco quieto, analisando as atitudes da pupila, parada diante de si a divagar o olhar perdido nos arredores varridos pelas aragens perfumadas da manhã.

Então, após aquela pausa, ela afinal o encarou, sempre respeitosa – mas, como de hábito, sem conseguir dissimular do velho os seus mais recalcados sentimentos.

- Confio no auxílio que vens empenhando em relação àquele comandante romano maldito, Merlin! E a parte disso, também venho sabendo me colocar a salvo, do modo que bem conheces! Mas do restante ao que te referes, não posso esconder meus pensamentos! Não de ti, que lê em aberto em minha alma! Odeio Guinevere com todas as minhas forças! Não é possível que não compreendas as razões! Ela está praticamente empenhada em compromisso grave com meu irmão! Será, dentro em pouco, rainha da Bretanha - *que a deusa a amaldiçoe!* – E ela agora ofegava incontidamente, enrubescendo de maneira drástica que, até certo ponto, preocupou o mago, ouvindo-a ainda parado à sua frente, e então quieto, em atitude solene, mas tranquila – A maldita usa de seu poder de sedução para atingir suas maiores conveniências, inclusive de cunho político! Mas ao mesmo tempo, no contexto, enredou também Lancelot! E... – Neste ponto ela praticamente engasgou, a garganta contraindo-se horrivelmente, as mãos delicadas crispando-se por sob o manto castanho com que se protegia da friagem da manhã – *E ele cedeu!*... E, *por fim, me traiu!*!... – Exclamou.

A isso, porém, e antes que ela desaguasse na arenga emocional descontrolada que ele antevia, Merlin a interrompeu com um comentário contundente, mas oportuno:

- Ora, cala-te, jovem, e responde-me: o que presenciaste de definitivo, que te dá tanta certeza do que afirmas?!

O olhar da jovem relampejou de novo, e ela tornou a fixá-lo, num desassombro quase audacioso.

- Ontem os vi, conversando privativamente, recuados a um canto dos pátios das celebrações de retorno! E não era preciso ouvi-los, para deduzir do que era tratado! – Ela afirmou, revoltada, indócil.

- Ouviste algo da palestra a que aludes?!

- Não, mas...

- Desta forma, descarta este argumento, de vez que de nada te servirá, senão que alguma realidade testemunhada e incontestável, a partir disso! E não deduções que teces sobre o que vês, assim como quem olha para nuvens em movimento que, numa hora, aparentam um coelho, e noutra, um búfalo! Que mais me ofereces, como alegação digna do que afirmas?!

- Ora, Merlin! – Agora ela argumentava dando mostra patente do seu aborrecimento, andando uns passos por ali, como se vasculhando furiosamente a memória em busca de palavras que lhe fundamentassem devidamente seus piores

temores sedimentados, sobretudo, em ciúmes doentios – E que dizes de toda a boataria que se fala em toda parte, desde entre a soldadela romana, até o ambiente da cozinha, sobre o caso dos dois?!

Merlin largou um risinho de desdém.

- Soldadela... E mulheres em alvoroço na cozinha, entregues a assuntos tão picantes quanto os temperos que deitam aos alimentos, de molde a aliviar-lhes o fardo monótono da rotina doméstica de todos os dias... Pela deusa, filha! Não dispões de nada mais consistente, a fim de me convencer?! – Ele andou alguns passos para alcança-la, prosseguindo, com tranquilidade - Todavia, te advirto, por antecipação, que se faz inútil apelares para estas divagações que te fazem sofrer, enxergando monstros num mero golpe de vento... Porque te afirmo algo, *e isto sim, definitivo*: ainda viverás o suficiente para entender que momentos transitórios não definem o destino de um homem! Principalmente quando esses momentos foram determinados por exaustão, pelo banho brutal de sangue dos cenários de guerra, ou pela bebedeira, que exacerba e embriaga os sentidos, entorpecendo os sentimentos e a capacidade de pensar! Guinevere possui uma beleza embriagante quanto o vinho que consomem estes rudes Cavaleiros sármatas! Todos guerreiros heroicos, fieis a teu irmão, e barões opulentos... Mas, no fundo, sobretudo... *homens!* Feitos do mesmo barro ordinário dos demais, e movidos, em suas atitudes, em muitas ocasiões, a pulso do mesmo instinto xucro que determina a continuidade das espécies nas feras ocultas nas florestas do mundo! ***Pára, portanto!*** – Repreendeu – ***Pondera!*** E considera que onde um não quer, dois não se entendem, e ainda que os dois tenham compactuado nisso a que aludes, o momento já foi! Já caiu na não existência da impetuosidade transitória das horas, que empurram os seres a cometerem estultícias! O que é verdadeiro, filha, ***fica!*** Mantém-se por si! E tola serás tu, se não te aperceberes disso a tempo, desperdiçando o sentimento verdadeiro que este guerreiro honesto, embora por vezes tolo, nutre por ti, sacrificando, assim, a felicidade do teu destino, em nome de ressentimentos, de possessividade e de ciúmes descontrolados! Não é possível que a tua arrogância vaidosa te encegueça ao ponto de imaginar-te, sequer, como a única mulher existente no histórico de vida de um Cavaleiro, Alexia, senão que na exclusiva hipótese de possuir-lhe, com privilégio e autenticidade, o coração... mesmo sendo tão inexperiente quanto ainda o és! – Instruiu-lhe Merlin, por fim, de maneira dura, direta, mas verdadeira.

Mantiveram-se os dois se entreolhando. Alexia, agora com os olhos claros, refletindo o sol da manhã, banhados de lágrimas, que aos poucos iam descendo e perolando-lhe o rosto alvo e algo pálido pela friagem ainda intensa das primeiras horas do dia.

Neste ponto do episódio, contudo, e para seu sobressalto, outra voz fez-se ouvir à distância dali, chamando-a, quando menos esperaria.

- Alexia!!...

Ela reconheceu de pronto aquele timbre grave e sonoro; e, voltando-se junto com o mago, mecanicamente, deixou ver de forma desprevenida o rosto gracioso, e então expressando grande perturbação, lavado de lágrimas.

A visão inexplicável paralisou de imediato quem se aproximava, no melhor do seu humor por tê-la encontrado logo tão cedo e oportunamente: o Cavaleiro Lancelot, que jamais a moça supunha ser possível se ver já desperto depois da noite anterior, intensa de cansaço extremo e dos excessos cometidos durante as festividades.

No impasse, não obstante, estranho fato se produziu.

Quando ele pensou em avançar rapidamente para aborda-la, e, preocupado, indagar da razão do seu estado, a fisionomia da jovem, ainda mergulhada no

entrechoque emotivo que as palavras e advertências de Merlin lh'a provocaram, fechou-se de abrupto, como tempestade violenta, em estranha defensiva.

Uma rajada impetuosa de ventos se produziu do nada, varrendo os arredores, a despeito dos céus azuis e ensolarados. Levantou turbilhões de poeira, que investiram de encontro ao guerreiro a feição de insólito ataque dos elementos, levando-o, por reflexo, a proteger o rosto com os braços erguidos, e agitando fantásticamente o manto majestoso de Merlin.

O mago, tranquilo e algo zombeteiro, apenas se manteve parado, sozinho em meio à ventania caótica, súbita, mas passageira. E, ante a atônita perplexidade do principal guerreiro de Arthur, Alexia de repente correu, antes que pudesse alcançá-la.

Desapareceu vertiginosamente em meio à nuvem de poeira que lhes obstruía quase que completamente a visão.

Ж

- Lancelot!...

O Cavaleiro voltou-se de imediato, ouvindo o chamado de Arthur, interrompendo-se no monitoramento que fazia da verificação de ferraduras apostas em seu cavalo de pelo negro e luzidio, enquanto ao mesmo tempo escutava atentamente de um mensageiro informes enviados pelo seu intendente, que costumava receber com regularidade durante os intervalos entre as missões, sobre o passado e as rotinas de seu castelo, *Joyeuse Gard*.

No entanto, a entonação com que Arthur o convocava antecipou-lhe o caráter privativo do entendimento; assim, dispensou o homem com um gesto, passando ao tratador do animal algumas diretrizes breves, e distanciou-se, indo até o líder que o aguardava há poucos passos de onde se achava no pátio.

Cumprimentaram-se. Arthur relanceou o olhar atento nos arredores àquelas horas vazias do setor da fortaleza onde estavam, e depois encaminharam-se em silêncio até o escritório particular destinado a ser um seu local reservado de entendimento e conferências com os Cavaleiros e autoridades outras.

Lancelot já se sentia curioso pelo ar de solenidade que adivinhava nos modos do líder bretão, quando este enfim fechou a porta maciça por detrás deles, afinal dando mostras de experimentar mais liberdade de movimentos e de palavras.

- O que foi, Arthur? Algo errado?

Alguns dias já haviam se passado desde o seu retorno da última missão, e o outro, olhando-o, dirigiu-lhe leve sorriso, fazendo-lhe um sinal para que se sentasse.

- Não exatamente, mas preciso ter contigo um entendimento de ordem particular dizendo respeito à minha irmã.

Aquilo ao mesmo tempo inquietou e atiçou o interesse do rapaz, e a luz inquisitiva em seus olhos escuros acentuou-se, enquanto aceitava das mãos do chefe o caneco com vinho da melhor qualidade, antes que afinal ele começasse a explicar a que se dava aquela entrevista imprevista, depois de algum tempo durante o qual os Cavaleiros vinham se questionando com certa impaciência sobre o futuro incerto que lhes estaria reservado a partir dali. Pois nem ainda Arthur os liberara oficialmente após sua dispensa pelo Império, e nem atinavam, quaisquer deles, com a causa daquele impasse, já que observavam alguma instabilidade confusa no meio romano, com autoridades abandonando a Bretanha com parte do exército como matilha de lobos fugidios, e, noutro tanto, mas significativo número, representantes do Império permanecendo, não se sabia exatamente à mercê de quê.

Ignoravam, os Cavaleiros, que o cenário indefinido se prendia, ainda, a pormenores políticos, sempre presentes e intrincados entre conquistadores e seus domínios, em qualquer tempo da história humana. Assim, Arthur detinha destes pormenores o devido conhecimento, mas, querendo possibilitar a seus homens algum descanso, que os desanuviasse dos excessos de exaustão física e mental dos últimos meses, os conservara, durante aqueles dias, liberados exclusivamente para algum lazer, e para que empregassem os dias, intencionalmente, com frioleiras, com mulheres, e com suas respectivas famílias, como no caso de Bohrs, ou ainda com assuntos outros que os interessasse ou distraísse.

Só que a Lancelot aquela pausa em suspenso, antes de desanuviá-lo, o estava exasperando, por consequência de certas particularidades pessoais de sua vida de quem

poucos detinham conhecimento suficiente. Assim, vinha cobrando de Arthur, valendo-se do grau próximo de amizade entre ambos, explicações sobre os próximos rumos a serem adotados por todos, e assim aprouve ao líder enfim chama-lo, finalmente, para algumas satisfações.

- Desejo antecipar-lhe notícias que ainda não tratei com qualquer dos Cavaleiros, Lancelot! – Ele continuou, então, diante da expectativa claramente ansiosa do outro - Especialmente porque, como disse, uma delas se prende a Alexia, que, bem sei, sempre te interessou bem de perto, e de maneira especial!

Aquilo desconcertou um pouco o Cavaleiro, e, esboçando um sorriso entre constrangido e tisonado de algum desânimo, ele desviou um pouco os olhos para os arredores do salão vazio e silencioso para comentar:

- Bem, não vou negar o que já há muito tempo você conhece a meu respeito, Arthur... Embora a conduta de Alexia em relação a mim, ao reencontrá-la após esses anos, esteja me provocando certa surpresa...

Ouvindo aquilo, Arthur se mostrou curioso. Aquelas palavras visivelmente o pegavam de improviso, e na mesma hora ele se interessou, com maior seriedade.

- A que se refere, *milord*?

Lancelot deu de ombros, denotando incerteza.

- Pode ser somente uma impressão. Mas venho experimentando a sensação de que ela vem me evitando sistematicamente... E isso me incomoda, porque não consigo adivinhar as possíveis razões.

Deu-se uma pausa enquanto se entreolhavam, com Arthur tamborilando os dedos na mesa e pensando, enquanto bebia calmamente um pouco do vinho.

Então comentou, com um leve sorriso reflexivo.

- Não te parece difícil falar de mulheres, algo tão inconsistente como uma rajada de vento ao sabor das horas, depois de anos metidos em autêntico banho de sangue em lutas bem reais a que fomos chamados a comparecer? – Ele alargou o sorriso; fixou o mestre de armas ainda pensativo sentado próximo a si, e se ateve ao que ele aludia, abandonando a digressão – Lancelot, quando saímos em missão, minha irmã era demasiadamente jovem para que a considerássemos uma mulher; e agora, ao contrário, já a encontra noutra condição de ser! É natural que esteja diferente... Talvez mais retraída, e dada a cismas e pudores! Natural que assim seja... Não será isso que te surpreende? Achar a mulher feita em lugar da menina algo travessa que aqui deixaste, jurando-lhe retornar na posição de “príncipe” de contos para toma-la como esposa?!...

E agora ria-se, de fato, demonstrando até que ponto conhecia do entrosamento entre ambos, o que desconcertou ainda mais o outro Cavaleiro, embora também ele se descontraísse, a isso, se permitindo rir junto com ele. E admitiu, até certo ponto, porque comentou, bebendo um pouco e largando o caneco sobre a mesa para recostar-se no espaldar bem trabalhado da cadeira onde se acomodava.

- Bem possível que estas mudanças sejam o que assim me espanta e desassossega, Arthur, mas... – Ele meneou, sem poder abandonar a inquietação - Há mais alguma coisa. – Divagou - Não sei bem lhe explicar o que seja. Alexia tem me parecido, em certos momentos, assustada, ou temerosa de qualquer coisa desconhecida que ainda não compreendo... Mas vou dar um jeito de apurar e descobrir!

- Temerosa e assustada? – Confiando sempre na percepção de estrategista nato de seu principal guerreiro, Arthur voltou a ficar mais sério, analisando-lhe as reações – Mas o que poderia estar causando este comportamento em minha irmã?

Lancelot meneou, agora sem esconder a preocupação que o assunto lhe provocava.

- Como disse, ainda não guardo noção exata, e assim que descubra e entenda melhor, prometo, hei de dizer-te em primeiro lugar, Arthur!

- Haverá de faze-lo, de fato, Lancelot, inclusive porque aproveito o modo como estamos conversando a respeito para afinal contar sobre uma das razões pelas quais o atraí aqui. Tua participação junto à minha irmã, de agora em diante, será em caráter oficial! Vou te nomear tutor de Alexia, e seu Cavaleiro... Até que contigo mesmo, ou noutra hipótese, com que o futuro e as escolhas delas a encaminhem a uma condição familiar bem estabilizada, se veja a minha irmã bem amparada num lar, em situação matrimonial consolidada!

Lancelot, a isso, olhando-o, ao mesmo tempo em que colhido agradavelmente pela notícia de caráter formal, no entanto também sentiu-se preso de certo acesso enciumado pelo que o líder pronunciou, de caso pensado, deixando perpassar em seu rosto um sorriso algo malicioso que o mestre de armas não chegou a perceber.

- Arthur, sinto-me verdadeiramente feliz e honrado com o que me anuncias, mas... Que quer dizer com este “noutra situação que a encaminhem a uma condição familiar estabilizada”?! – E acrescentando com tom meio a meio perplexo e aborrecido – Acaso há mais alguém pretendendo a tua irmã, junto comigo?!...

- Sim, há... – Disse Arthur, e agora Lancelot, visivelmente espantado, notava com clareza o sorriso melífluo nos lábios do amigo, ao proferir aquela afirmação reticente.

- E poderia me dizer de quem se trata, por acaso?! Será, esta, então, a causa de Alexia vir me evitando como vem fazendo?! Estaria, ela, envolvida inesperadamente com outro, durante a minha ausência?!... – Ele quase se levanta, disparando a esmo aquelas especulações desassossegadas, sem notar que aquilo provocava grande divertimento no outro, que deixou-o desabafar primeiro, sem interrompê-lo, antes de voltar a falar – Mas, quando nos despedimos, ela havia prometido que me aguardaria, preservada, porque confiava nos meus sentimentos e intenções para com ela!

Então, chocando o Cavaleiro, Arthur enfim deixou escapar a gargalhada pueril que a custo continha.

- Como é precipitado, *milord!* – E com um gesto cortês, levantando-se junto com ele – Por favor, sente-se! Não me deixou acabar de falar, e já se entregou a este quase destempero! Não presumas tão injustamente sobre a minha irmã, porque, apesar da tua insegurança sobre o comportamento atual dela, ousa adivinhar que ela te ama, como no passado! Talvez que esteja somente, e ainda, assustada e insegura, porque há de compreender que foi com um homem bem diferente com quem ela deparou depois deste tempo: um Cavaleiro e guerreiro calejado, que chegava de um período rude e intenso de batalhas! Isto na certa te modificou também, sem que percebesse, tanto os modos quanto a aparência! Não se esqueça de que hoje é um barão, um homem amadurecido, *milord!* E minha irmã, ainda e sempre, uma mulher... e jovem demais!

Um tanto desconcertado com a reação de Arthur, Lancelot largou um sorriso preso, mas, ainda desconfiado, obedeceu e sentou-se.

- Perdoe-me, então, a intemperança; jamais desmereceria Alexia... – Ele gesticulou, meio perdido – Sabe, melhor do que ninguém, do que sinto por ela... Mas, a que se referia, então, quando...

Mas, a isso, o chefe resolveu parar de atormentá-lo para esclarecer de vez:

- À *livre escolha* de minha irmã, Lancelot! Que bem sabe que tenho como princípio prioritário respeitar, para lidar com quem quer que seja! Não temos nada assegurado quanto ao futuro, menos ainda quando isto se prende a decisões alheias à nossa vontade, lembre-se! Sempre soube dos teus sentimentos por ela, e do velado vínculo existente entre vocês... Ouso mesmo antecipar-te como coisa quase certa que ela

de fato te ame, apesar das oscilações de gênio que bem conheço nela desde a época da infância, todavia, falei deste modo apenas para que não te sintas assegurado demais!...

Deram uma pausa, bebendo um pouco.

Lancelot relaxou, expandiu o sorriso, um pouco mais aliviado ao compreender que, até um segundo momento, não existia nenhum rival potencial aos seus propósitos para com a jovem.

Ele enfim agradeceu a Arthur a confiança com que ele lhe confiava aquela irmã que sabia estimar com extremos de cuidados, e passaram a um tema diverso, mas igualmente sério, e mais desagradável.

- Outra questão que quero confiar-te antes de aos demais homens, é que contes para dias bem próximos ainda um contrapeso de nossos acertos para com Roma! Pelas últimas reuniões mantidas, o bispo deixou bem visível que, no que nos diz respeito, Roma ainda precisa de nossos serviços, para aparar algumas arestas políticas em setores da Bretanha onde bem ou mal seus representantes ainda possuem terras, bens e interesses!

A fisionomia de Lancelot modificou-se, fechando-se, àquela mudança abrupta de tema. Desapareceu de chofre o pretendente da bela irmã de Arthur, para logo ressurgir o mestre de armas experiente, e o guerreiro truculento e sagaz.

- Estamos *libertos*, Arthur! – Ele logo protestou, meneando e batendo com certa impaciência o caneco agora vazio sobre a mesa, que o outro voltou a encher amistosamente, empunhando a garrafa de vinho.

- Sim. Oficialmente. Todavia, os cruzamentos intrincados da burocracia não se resolvem, na prática, com a mesma facilidade com que se assina e se distribuem papéis. Deveremos, assim, ficar ainda algum tempo retidos aqui, a disposição de tarefas inesperadas que o dever de honra nos impõe... Entendo que, compreensivelmente, sob a sua revolta e inconformação, mas, em nome do nosso Código de conduta, há de se dar desse jeito. Ficaremos em expectativa, Lancelot! Tu és o meu principal Cavaleiro, e conto com sua nobre e amigável compreensão, como de costume!... – E tentando apor uma atenuante, novamente sorriu para o amigo, comentando – Para que não te irrites muito, pensa que isto te conferirá tempo e oportunidade para uma reaproximação adequada, e acerto condigno junto à minha irmã!

A isso, porém, Lancelot meneou, ainda taciturno.

- Perdoe-me, Arthur... Mas, somando-se isso ao prazer do teu convívio e dos demais Cavaleiros... É, esta oportunidade, a única coisa que ameniza esta notícia inaceitável! Nossa condição de escravidão a Roma desde a nossa primeira juventude é finda! E não vejo a hora de retornar a *Joyeuse Gard*... De preferência, casado com Alexia!

Arthur ouviu-o, e agora preferiu somente silenciar.

Ambos brindaram amigavelmente, bebendo e cogitando em silêncio sobre os acontecimentos que estariam por vir.

Ж

V
Tristan, Lidador de Falcões

À *semelhança de Lancelot, avesso a pouco movimento*, calejado como se via desde os primeiros anos da juventude ao ambiente das guerras sangrentas, quando foi arregimentado por Roma para a defesa de seus interesses nos campos de batalha, entre uma ou outra missão rápida de reconhecimento que Arthur lhe delegava no decorrer daquele período de algumas semanas passadas após o retorno Tristan apreciava se ocupar com exercícios de tiro com arco e adestramento de seu falcão.

O bicho lhe atendia aos chamados e ordens com impressionante fidelidade, fascinando todos os que porventura testemunhassem as ocasiões em que interagira com a ave de rapina, que apenas ao seu comando verbal se mostrava dócil como um coelho.

Foi num desses momentos solitários de treinamento, na companhia de seu mascote particular, que inesperadamente o guerreiro testemunhou a cena insólita se dando com Alexia num pátio contíguo da fortaleza militar, em horário próximo ao cair do crepúsculo, em que já pensava em recolher arco e apetrechos para se dirigir a outros afazeres e liberar o animal para o seu período de sono noturno.

À distância, notou a jovem, ganhando o ambiente naquele horário deserto da área próxima à entrada do edifício, aparentando retornar de algum passeio pelas campinas circundantes do vasto complexo militar. Mas aparentava voltar apressada, em passo corrido, como se ansiosa para entrar por razão desconhecida, ou, estranhamente, por estar fugindo de alguma coisa ou de alguém.

Tristan aguçou a atenção, observador. Chegou a adiantar-se uns passos, no impulso imediato de apurar o que se passava com a irmã de Arthur, na intenção de oferecer ajuda a qualquer necessidade da moça, mas interrompeu-se de abrupto, ao notar que ela era seguida de perto por um vulto indistinto que lhe corria no encalço, logo atrás.

Mal impressionado daquilo, o arqueiro avançou por entre os ângulos mais sombrios do terraço, de modo a não se fazer percebido. Colou-se à parede sólida de uma das laterais da fortaleza, arrastando-se, silencioso qual lagarto, até as proximidades da entrada do prédio, de onde novamente pôde avistar Alexia e o seu interlocutor, e presenciar uma cena da qual de início nada pôde compreender, em completo aturdimento.

A jovem havia se detido, brechando com ela o desconhecido, com quem parecia travar barulhenta discussão. Tristan aguçou ainda mais a audição. E, sobressaltando-se pelo tom elevado, brusco, obviamente desrespeitoso com que o personagem se dirigia à jovem irmã de Arthur, a quem todos os Cavaleiros reverenciavam quase tanto quanto ao seu líder, deslocou-se ligeiramente. Com um piado agudo, convocou a retorno rápido a ave fiel que já havia dispensado, pensando em investi-la em ataque propício no caso de ter que se precipitar em defesa da moça.

O falcão, como relâmpago, atendeu-o, surgindo como se do nada nos céus, em vôo vertiginoso ao seu encontro, quase que de imediato. Mas agora a continuidade dos acontecimentos aos quais assistia sem ser percebido o chocou ainda mais.

O homem parado a pouca distância dali, que pelas vestes indicava tratar-se de um oficial romano, de um impulso súbito ameaçou avançar para Alexia para segurá-la com firmeza enquanto discutiam. Todavia, de maneira insólita, a jovem repentinamente adotou atitude bizarra, assustadora, que fê-lo recuar, atônito, sem saber o que pensar.

Ela agachou-se ligeiramente, em postura extravagante, incompreensível, quase felina; e pronunciou um cochicho fantasmagórico, espécie de chiado, semelhante ao rugido baixo de uma fera prestes a desferir um bote. E em contínuo, de pronto, saindo dos ângulos agora sombrios das cercanias da fortaleza, investiram, correndo em sua direção, rosnando e tomando-lhe a dianteira em defensiva, dois lobos pardos, de pelos eriçados, arreganhando os dentes, ameaçadores, para o agora perplexo militar romano.

Tristan ouviu-o pronunciar, entre truculento e atônito, antes de afinal impacientar-se, sem nada entender do que acontecia, e deixar o pátio em busca do interior do edifício.

- Tu ainda haverás de deixar estes sortilégios pagãos, Alexia! Haverás de fazê-lo, quando enfim seguir comigo para Roma!

De seu lado, Alexia soltou uma risadinha maléfica, avisando aos lobos, baixinho, ao vê-lo enfim afastar-se e sentir-se segura:

- *Ostka!*...

Afagou-lhes carinhosamente o pelo luzidio, ao que ambos os animais ronronaram, se mostrando dóceis e receptivos aos seus afagos como cordeiros, antes de enfim correrem e sumirem entre as sombras do cair da noite.

De seu canto, com o falcão pousado em seu ombro, Tristan deixou escapar um riso preso, entre admirado e surpreso, comentando em surdina, como se para a ave fiel que tinha junto a si

- Quem diria... Alexia também tem as suas mascotes... Mas... Como pode?!...

Depois, antes que ela pudesse também deixar o terraço e entrar, aliviada, embora ainda visivelmente pálida, fez-se afinal notar e chamou:

- *Milady!*...

Outra vez surpresa, e sem poder disfarçar a tempo a sua indisfarçável consternação, Alexia tornou a deter os passos, voltando-se, admirada.

- Tristan!?!... – Devolveu, perdida em palavras e gestos.

Arfava. E, algo penalizado, por perceber ainda visível na moça o seu grande grau de nervosismo, arriscou perguntar:

- Precisavas de alguma ajuda, *milady*? – Ofereceu, solícito.

- Não, Cavaleiro!... Não mais... – Ela respondeu, depois de breve pausa, hesitante, como se ainda presa de confusão nos pensamentos por causa da altercação difícil sustentada até momentos antes, e da qual o rapaz não teve como captar exatamente o seu conteúdo.

Todavia, sem querer ser invasivo, mas pensando em sondar um pouco mais, a partir de um diálogo oportuno e amigável sobre outro assunto, ele avançou uns passos, acercando-se, com o falcão ainda pousado em seu ombro, piando a intervalos.

- Perdoe-me por detê-la, penso que se dirige ao seu repouso... Mas não pude deixar de admirar o modo como interagiu com os seus dois lobos de estimação! Não sabia que os tinha! – Comentou, esboçando um sorriso entre amigável e respeitoso, e afagando, sugestivo e com casualidade, a cabeça emplumada do falcão que lançara pequeno voo, saltando para o seu braço. – E, sabes, tenho afeição por animais exóticos!

Atenta, Alexia analisou-o um pouco. E relaxou sua tensão defensiva ao reparar que aparentemente ele testemunhara apenas a retirada dos animais, ao final do episódio difícil vivido momentos antes.

Esboçou leve sorriso, comentando.

- Jamais saberia como adestrar uma ave como esta. Mas, de fato, construo intimidade fácil com animais, vamos dizer, não convencionais como de estimação... – Explicou, com um gesto um tanto a esmo, ainda encontrando dificuldades para dominar a respiração ofegante.

Tristan correspondeu-lhe às palavras amistosas, solicitando.

- Estenda seu braço...

- Como?!... – Ela perguntou, incerta.

- Estenda seu braço. Verá que o animal sabe por antecipação em quem deve confiar...

A jovem desviou dele para o falcão imponente, e agora com ambas as asas abertas, como se em atitude amistosa, os olhos perscrutadores. O arqueiro imprimiu leve impulso com a mão, e a ave descreveu leve e rápido vôo na sua direção, pousando-lhe no braço delicado, obediente, e levando-a a emitir pronta e breve exclamação de encanto e surpresa.

Ambos sorriram, satisfeitos com a cena. E enquanto agora a moça arriscava-se a acariciar a cabeça macia do falcão acomodado tranquilamente em seu pulso, Tristan se aproveitou para acrescentar:

- Assustei-me de início, *milady*, porque imaginei que aqueles animais haviam saído do nada para ataca-la!

Não quis mencionar que presenciara a alteração preocupante com o desconhecido para não constrange-la, até por pretender contar a Lancelot, em outro momento, sobre o que presenciara, com certa urgência. Mas precisava tentar ali, naquela oportunidade, fazer com que Alexia falasse um pouco mais.

Não obteve muito sucesso neste propósito, todavia, para seu esmorecimento íntimo. Porque, avisada como poucos, ou talvez que tolhida por fatores outros – Tristan deduziu – a irmã de Arthur soube se esquivar com astúcia da abordagem intencional de suas palavras.

- Imagine! Ambos têm sido os meus dois melhores amigos! – Ela respondeu, reticente. E, como nada dissesse além disso, para a sua frustração, ele tentou por outro lado.

- E como fizeste para torna-los assim, seus amigos? Mal posso imaginar por quais métodos se fez isto possível, da parte de uma dama bela e frágil, como tu! – Disse, entre respeitoso e amigável.

Alexia não se aborreceu com a pergunta astuciosa; mas soube também responder com natural perspicácia, antes de enfim dar arremate à conversa e escusar-se, pretextando recolher-se para a refeição noturna e o repouso.

- Não tão frágil, arqueiro! Tenho meus recursos. Mas não te esqueças também de que muito cedo fui treinada nas armas, não somente por meu irmão, como também por *Sir Lancelot*, no manejo do arco!...

Tristan assentiu, sem querer acrescentar novas anotações, embora sugerindo, com algum divertimento:

- Talvez por isso o meu amigo ande se mostrando um tanto melancólico e ressentido... notando que o teu potencial defensivo esteja, então, e tão extraordinariamente, desenvolvido... Até mesmo, quem sabe, contra a proximidade excessiva dele mesmo, se me permites um gracejo, *milady*! – Sorriu-lhe.

Mas a isso, e denotando com a fisionomia algo travessa que o Cavaleiro talvez que ousara demasiadamente nos seus comentários, Alexia nada mais lhe respondeu.

Lançou-lhe um olhar risonho. Devolveu ao seu dono agora curioso o falcão, e despediu-se, com gentileza, adiantando os passos para os degraus próximos, e desaparecendo a passos leves e rápidos na obscuridade dos corredores do interior do imponente prédio militar.

VI A Dama Branca

- *Gawain! Preciso de um favor teu!...*

O outro guerreiro se deteve, ao ouvir a solicitação do mestre de armas. Sentiu logo, pela entonação, que se tratava de assunto de caráter pessoal; assim, consentiu em silêncio deixando os demais Cavaleiros debandarem da reunião finda com Arthur, aguardando ao lado do outro, que logo o convocou com um gesto de cabeça breve a segui-lo até determinada saleta da fortaleza onde poderiam conversar melhor.

- Que maçada, hem?! – Comentou o irmão mais velho de Galahad, ao enfim Lancelot cerrar por detrás de ambos o maciço portal que os separava do corredor onde os últimos amigos debandavam metidos em comentários sobre o assunto tratado pelo líder bretão durante as últimas duas horas, e que teve o condão de arruinar com o humor da maior parte deles. E era bem sobre isto que Gawain falava – Bohrs disse que sua mulher vai trucidá-lo, quando ele comunicar que terá que se afastar por tempo indeterminado, mal voltamos de anos de missões ininterruptas que a muitos passaram antes a incerteza de todos nós nos conservarmos vivos! Não é para menos! – Arrematou o comentário desanimado, meneando.

Lancelot concordou, e a princípio serviu bebida ao outro, compartilhando suas impressões, antes de afinal enveredar pelo assunto que o preocupava mais de perto.

- De fato, é um abuso que ainda estejamos às voltas com as arestas das imposições romanas quando, a partir de agora, deveríamos voltar as atenções para a continuidade das nossas vidas e a situação política que há de se delinear em Camelot! Também me irrita, esta contingência, surgida no pior momento, e que nos exigirá este último afastamento para defender os interesses da nobreza de Roma junto às fronteiras ao sul; mas também é exatamente por isso que o chamei a entendimento aqui, Gawain! Dispomos de poucos dias até a nossa partida, e preciso resolver com certa urgência um outro assunto, de caráter mais pessoal! – Ele sentou-se à mesa de conferências na saleta vazia, convidando o outro Cavaleiro a fazer o mesmo. E bebeu um pouco do vinho. Aparentou a Gawain se ver, de fato, indisposto de ânimo, e dominado por algum tipo de preocupação obcecada, o que o levou a se interessar de pronto e questioná-lo.

- Folgo e agradeço pela tua confiança em dividir comigo o que o preocupa, Lancelot! Que está acontecendo? Ajudarei no que puder!

Pensativo, Lancelot fixou nele os olhos escuros de falcão. Sério, desassossegado, começou:

- Não sei se já te chegou ao conhecimento que Arthur me distinguiu, por esses dias, como Cavaleiro oficial de Alexia, e seu tutor... até que afinal nos casemos, porque é esta a minha intenção!...

A isto, de início o sempre bonachão Gawain alargou um sorriso celebrativo para o parceiro de batalhas, saudando, com um gesto do caneco cheio com a bebida.

- Ora! Difícil de acreditar, *milord!* Te converterás, então, num homem sério, após toda a boataria envolvendo o teu nome e o de...

Mas Lancelot não se achava exatamente disposto a gastar o pouco tempo de que dispunham com pilhérias fora de hora, e atalhou, com um gesto de desassossego.

- Não precisamos falar disso aqui, e nem agora! Ora, Gawain, toda gente sempre soube do meu elo amoroso com a irmã de Arthur!

- E por isso toda gente nunca entendeu bem o cerne da tua conduta n'outros momentos, Lancelot... – Ele, porém, logo ergueu uma das mãos em sinal de trégua, reparando na indisposição com que era ouvido pelo agora impaciente mestre de armas

de Arthur, e prosseguiu – Mas, o que há de tão incômodo nesta novidade, para que necessites de algum auxílio neste sentido? Não compreendo!

- Não se trata disso! O incômodo não reside nesta novidade, que protesto resolver com a brevidade possível depois deste contratempo que Arthur nos delegou hoje, a conta de arremate de subserviência para com a maldita Roma! Mas num outro episódio, acontecido estes dias e testemunhado por Tristan, que correu a me contar com rapidez bem oportuna! Preciso que tu o apoies, para encurtar as explicações, Gawain, em um tipo de investigação de que necessito a respeito de determinado militar romano sediado aqui, nesta fortaleza que mais se assemelha a um mausoléu, e da qual não vejo a hora de sair para voltar para *Joyeuse Gard*, levando comigo Alexia ! Não disponho de tempo hábil para empreender isto sozinho, até porque não faço idéia de como seja o aspecto do infeliz! Somente Tristan o viu, contando-me a respeito do episódio insólito que testemunhou e que quase me enlouqueceu de ódio! Preciso de ajuda, para ao menos tentar desvendar este mistério a contento! – Ele ofegou ligeiramente, tornando a encher o copo com a bebida, e Gawain admirou-se ao perceber o tanto que o assunto o martirizava – Temo que Alexia esteja sendo vítima de alguma situação ameaçadora da qual não deu conta a ninguém, mas não quero expor a Arthur este problema, alarmando-o, quando tenho condições de investigar e resolver por mim mesmo! Talvez que tudo não passe de temores exagerados!

Gawain compreendeu a guinada que o assunto alvissareiro do começo do entendimento tomava, e acompanhou Lancelot na seriedade que o caso pedia. Bebeu metade do caneco com vinho, e, com um gesto incisivo, pediu:

- Conte-me! Mas por que não recorrer também a Merlin em busca de explicações para o que te incomoda? Durante estes anos, junto com Prachna, foi ele o responsável pelos cuidados e aconselhamento à moça! O que, afinal, Tristan viu?...

Lancelot abanou a cabeça.

- Merlin, por vezes, é escorregadio no trato de certos assuntos! E me desagrade a maneira por vezes ininteligível com que lida conosco, os Cavaleiros de Arthur! Parece encarar com certa zombaria os nossos modos truculentos, Gawain, e neste exato momento, para a nossa infelicidade, anda afastado uns dias, para trato de negócios pessoais! – O guerreiro debruçou-se na mesa, afinal encarando o outro com o olhar arguto, e minimizando o tom brusco da voz para continuar na exposição dos seus planos – Hei de ter diretamente com Alexia, que estranhamente anda me escapulindo ao cerco como gazela arisca, mas ouça o que, de nosso lado, deveremos fazer!...

E empenhou-se em explicações expostas em surdina, enquanto Gawain, atento, passou a trocar com ele ideias e pareceres, na duração da meia hora seguinte, antes que Lancelot se empenhasse em cumprir a segunda parte de seus planos para aquele dia de desassossego.



Alexia seguia apressada em direção aos compartimentos dos afazeres femininos, sobraçando um cesto cheio com frutas. Dividia a tarefa com Vanora, a esposa de Bohrs, por quem, de tempos àquela parte, vinha nutrido o mesmo tipo de antipatia devotada com rancor acerbo por Guinevere. As razões, embora não expostas frontalmente à moça de modos um tanto desenvoltos e excessivamente descontraídos, se originavam no mesmo tipo de falatório que se tecia por todo lado sobre os casos amorosos de Lancelot com incontáveis mulheres de várias procedências, mas o fato de que também a respeito de Vanora se tecesse tal rede de intrigas fazia ferver, na Bretã, o sangue, de ciúmes e de

indignação, levando-a a cogitar se, no decorrer daqueles anos todos, não teria o principal Cavaleiro da Irmandade enlouquecido.

As duas nunca confrontaram diretamente, até porque de nada suspeitava a mulher do outro guerreiro das causas das mágoas e irascibilidade ocultas de Alexia a seu respeito. Mas não podia escapar à jovem a má disposição ostensiva com que era por ela tratada o tempo todo; e assim, as duas nunca desfrutavam de momentos amigáveis ou tranquilos de convivência.

- Deverias te dedicar também a colher frutas comigo, e não verduras, Vanora, que não te rendem cansaço e nenhum peso! Os homens devoram frutos, a par de carne e bebida, e assim te manténs o dia todo descansada, enquanto eu definho, depois de várias horas carregando estes cestos de um lado para outro!

- Prachna determina as nossas tarefas! – Rebateu a outra, irritada com o aparte – Vá reclamar com ela, porque só dela recebo ordens, não de tu! – E zombando, a moça ruiva e espevitada a encarou, com olhares de cima que quase acabaram de esgotar a pouca paciência que Alexia alimentava pela sua presença e companhia – Ora, Alexia, do que reclamas? Tenho nove filhos! E tu?! Que fazes, além destes poucos trabalhos domésticos, afora gastar todo o restante do dia com seus suspiros e cismares pelos recantos da fortaleza, sonhando com o retorno do teu Lancelot?!...

- *Cala-te, estúpida!* – Rebateu a agora irada e rubra Alexia, contudo, em entonação ameaçadora que até certo ponto intimidou a outra – Lancelot é outra pessoa, bem diferente de quem conhecia anos atrás! Não quero saber de nada dos seus interesses atuais, que passam bem longe de mim!! Interesses esses, aliás... – Cogitou, de acréscimo, em entonação acusativa para a outra jovem que parou, estupefata, medindo-a, sem nada entender de começo – Que parecem ter se desviado de mim já há bastante tempo, e não somente agora!!

- De que falas, tonta?! – Revidou Vanora, corando até onde era possível, e acirrando na temperamental irmã de Arthur, com aquela reação, seu despeito e desconfiança, a ponto quase de leva-la a atirar ao chão o grande cesto cheio de frutos.

- *Sonsa!!!* Não te contentas com apenas um Cavaleiro de meu irmão?! Precisas saciar tua ânsia de sedução com todos?! – Ela ia começando um ataque duro e transtornado, mas uma interrupção inesperada quanto firme as colheu de chofre, fazendo principalmente Alexia empalidecer horrivelmente.

- *Minha Alexia!* Que está acontecendo, *milady*, para que te encontre nesta alteração inoportuna, e em local tão impróprio?!

Era uma ligeira, mas afetuosa advertência, desferida de improviso justo pelo alvo do assunto tratado por ambas as jovens, que estacaram ao mesmo tempo, de olhos arregalados, voltando-se em sua direção, e dando com ele bem próximo, tendo se acercado das duas como gato, sem ser devidamente percebido.

Era então a primeira oportunidade de entendimento mais direto entre a jovem e seu Cavaleiro, depois do retorno de todos de Badon Hill. Mas a possibilidade de ter sido o assunto flagrado justo por ele, Lancelot, fez Alexia enrubescer ainda mais, num misto atônito de susto, com vergonha e inércia.

Vanora, de seu lado, não se vendo na obrigação de participar daquele encontro obviamente importante entre o casal, ajeitou melhor o cesto com verduras que carregava e, escusando-se de leve, mal olhando para o guerreiro, acelerou os passos para os interiores domésticos dos trabalhos das mulheres.

Deixou parados ali, se entreolhando durante breve intervalo de estupefação, de um lado, e de mal disfarçada preocupação, de outro, Alexia e o bravo mestre de armas de Arthur.

Bem que, a princípio, como primeira reação, ela tentou se esquivar, mas não conseguiu. Ele não permitiria que ela escapulisse como daquela primeira vez, em que tentou abordá-la, cheio de ansiosas saudades, quando a viu na companhia de Merlin.

- Perdoe-me, Lancelot, mas o que eu tratava com Vanora não é da tua conta! – Desferiu uma resposta amarga e mal contida, que logo causou mal-estar e estranheza no outro – Agora devo levar sem maiores demoras estas frutas para Prachna, que me aguarda, se me permites!

Mas, avançando decidido, o rapaz tomou-lhe o cesto pesado das mãos e determinou-lhe, com energia não passível de ser desacatada, enquanto avançava.

- Siga-me até os pórticos, e me espere. Voltarei rapidamente!

- *Milord!!...* – Protestou a jovem, perdida nas atitudes, indo-lhe no encalço.

Lancelot sumiu-se uns momentos breves nos interiores da cozinha. Ouviu-se, do lado de fora, umas exclamações de desprazer de várias mulheres que não gostaram da sua presença abrupta no ambiente de sua azáfama doméstica, mas ele logo encontrou Prachna e entregou-lhe o fardo, pretextando auxílio à jovem com o peso do mesmo. Antecipou à mulher dominada por zombeteira curiosidade que teria breve e importante entrevista com Alexia nos momentos seguintes, no intuito antecipado de não se ver interrompido; e, saindo finalmente, deu com a moça já ensaiando se fazer de algum modo incógnita, afastando-se na direção dos pátios das cavalariças.

- Espere, Alexia! Teremos, em breve, muito tempo para realizarmos passeios a cavalo juntos! – Brincou, colhendo-a de surpresa, e fazendo-a corar de novo.

Alexia suspirou de leve, de costas para ele. Entendendo que daquela vez se faria inútil tentar se evadir de um encontro que de algum modo, e em algum momento, teriam que enfrentar, enfim virou-se, a princípio somente medindo-o, de soslaio.

Mas, com desenvoltura, e sem nenhuma inibição, o Cavaleiro se lhe acercou, comentando, com um sorriso que não disfarçava mais de maneira nenhuma os seus sentimentos.

- Onde está aquela jovem dócil e intimidada que encontrei na celebração de nossa volta, *milady?! O que assim a atormenta tanto a meu respeito, para que fale comigo no tom com que se me dirigiu há pouco?* – E arrematando, com um afago carinhoso em seu rosto que fê-la recuar um passo, entre arisca e encabulada – Ando preocupado contigo há vários dias! Foges de mim como de um inimigo! Preciso compreender a razão, e conversar outras tantas coisas importantes... porque hei de me afastar novamente em breve, com Arthur e os Cavaleiros, antes de afinal realizar contigo aqueles nossos maiores sonhos! – Arrematou, com astúcia calculada cujo resultado, no temperamento imaturo da moça, o satisfez, porque, em ouvindo-lhe esta notícia, ela empalideceu visivelmente.

- Se afastarem?! Mas... a pretexto de quê?! Arthur de nada disso me deu conta! Não estais, afinal, livres, *milord?!*

- Trata-se de notícia inesperada, recebida hoje em reunião de emergência, *milady*, mas o que nos importa mais de perto é que precisamos resolver vários assuntos que nos dizem respeito, unicamente, a fim de que nos afastemos por esta última vez bem entendidos, e em paz!

Sem saber o que mais pensar e dizer num primeiro momento, aturdida, Alexia, calou, somente olhando-o. E Lancelot se aproveitou daquela inércia para outra vez aproximar-se mais, e, tomando-a gentilmente por uma das mãos delicadas, atraí-la a local mais apropriado à entrevista, por entre o abrigo dos arbustos e árvores de um bosquete próximo aos exteriores da fortaleza, vazio de circunstâncias àquelas horas do dia.

Alexia deixou-se conduzir desta vez sem relutar, vencida pela perplexidade do que ouviu. E enfim externou as primeiras e confusas idéias.

- A que te referes? Por qual razão te preocuparias a meu respeito?!

O rapaz riu-se, de bom humor.

- A primeira e melhor razão deveria ser a briga na qual te surpreendi com Vanora há pouco, mas não me parece útil gastar nosso tempo precioso com isto, assim, queria te perguntar... – E ele encostou-se num banco próximo, cruzando os braços com aparências de curiosidade inocente – Minha Alexia... te deste, ultimamente, a criar animais de estimação?! Exóticos, ao que sei?! – E relanceando os olhos expressivos em torno do bosque odorífero e fresco onde se achavam, murmurou – Onde estão eles... os teus lobos? Pode mostra-los?!

A isso, contudo, e um tanto amofinada, Alexia emitiu um suspiro de enfado.

- Pela deusa! Tristan te faz relatórios a meu respeito, *Sir*...?

- Por certo, todos fazem de bom grado, desde que Arthur vem comunicando aos Cavaleiros minha posição de tutor oficial junto a ti... Mas o que me faz tocar contigo neste assunto não vai além de curiosidade sincera! Nunca vi lobos de perto, por mais difícil que te seja crer, Alexia! E causou-me nota que tenhas conseguido domesticá-los, em se tratando de animais perigosos!

- Tristan adestra falcões! – Ela argumentou.

- Tristan, *milady*, é o principal arqueiro da Irmandade!... – O guerreiro objetou, com entonação amistosa, de quem discute consciente do nível de infantilidade da sua interlocutora.

- E daí? – Meio enfezada já, ela desferiu a resposta, que embatucou um pouco o rapaz – Não se adestra animal nenhum fazendo uso de arco e flechas, senão talvez que por meios de tortura!

- E quem te ensinou, então, a realizar isto?

- Merlin tem suas artes... – Ela se sentiu afinal irresistivelmente acuada a responder, sob o domínio do magnetismo forte tanto do olhar dele, cravado em si mesma de pouca distância, quanto do soberano sentimento amoroso que sempre acabava por submetê-la, quando em sua presença.

- E com qual propósito?!

- Precisava me defender, eventualmente, por mim mesma, na vossa ausência, *milord*! – Ela respondeu, com o grau de desassossego em sua entonação e fisionomia crescendo visivelmente, de momento para momento.

- De quê?! Ou... *de quem*?! – Lancelot, enfim, investiu mais diretamente sobre o foco de suas preocupações íntimas.

Alexia, ofegando um pouco, calou-se. Deu-lhe as costas, e passou a andar a esmo por ali.

O rapaz foi-lhe no encalço. E se mantiveram em silêncio, apenas passeando por um momento.

- Alexia... deve entender sempre que as minhas preocupações para contigo residem no sentimento que bem sabes que te nutro... – Ele enfim murmurou, retomando o assunto, sério, mas com sinceridade. Todavia, em notando, cauteloso, que aparentemente as suas palavras naquele sentido provocavam nela uma mistura incompreensível de rancor surdo com impaciência, cujas causas avaliaria em ocasião mais oportuna, tornou a insistir num aspecto, a primeira vista, mais pueril da questão – Não vai me deixar vê-los?! Os teus bichinhos de estimação? – Brincou.

A moça parou um pouco. Olhou-o, de esguelha.

- Lobos tem hábitos diurnos bem estabelecidos, e não sei ao certo onde estão agora! – Ela hesitou apenas um instante a mais.

Depois, decidindo-se, e aparentemente dominada por uma segurança súbita, um tanto irônica, arrematou – Espere um pouco...

Relanceou os olhos de um azul vívido nos arredores vastos do bosque. E, sob as atenções agora aguçadas de seu interlocutor, a semelhança do que envidou sob as vistas de Tristan, assumiu atitude estranha, surpreendente para o agora admirado Lancelot.

Ecoou em alta frequência, para o bosque silencioso em torno, o mesmo ruído insólito a partir da garganta - e ambos esperaram, por breve momento.

Passados poucos minutos, vindo de trás do agora perplexo guerreiro, ouviu-se um grunhido baixo, semelhante a um rugido, embora não agressivo, disciplinado... como inusual saudação.

O mestre de armas, com uma das mãos preventivamente no bocal da espada embainhada em sua cinta, virou-se de chofre... E, sob o sorriso discretamente divertido da jovem, deu com um lobo grande, de pelo castanho e olhos grandes quase faiscantes, aproximando-se cautelosamente ao comando de sua adestradora, que logo abaixou-se, abraçando-o, acolhedora, e cochichando, em termos incompreensíveis para o guerreiro, ante a reação arisca do animal para com o homem que lhe era desconhecido.

- *Azeksha! Lancelot, Brahein! Lancelot! Azeksha!...*

Ainda dirigindo ao estático mestre de armas um sorriso no qual se disfarçava grande divertimento, a moça beijou o pelo acetinado do belo animal, agora inteiramente pacificado, e comentou.

- Eis, então, *milord...* Um dos meus dois “bichinhos”, como a eles te referiste! Este é Brahein! A loba, Akva, seu par, deve estar entretida com caça a estas horas! – E expandindo o sorriso algo travesso – Por que não se aproxima? Pode tocá-lo!

Ainda paralisado no mesmo lugar, Lancelot deixou escapar afinal a respiração presa.

- Deste até mesmo nome a eles! – E devolveu-lhe, prudente, o sorriso matreiro com que a jovem o provocava – Mas um soldado sabe que se deve respeitar e sondar em primeiro lugar um inimigo desconhecido, antes de se expor!

- Brahein não é teu inimigo! – Adiantou-se, e tomou-o pela mão, trazendo-o para perto. Lancelot notou que o lobo farejou sua mão por breve intervalo, mantendo-se inofensivo depois, apenas fitando-o com o olhar luzidio – Ele conhece, por antecipação, quem me ameaça!

Lancelot ainda sorria-lhe com alguma puerilidade, e empertigou-se, depois daquela sondagem inócua do belo animal.

- Perdoe-me, *milady!* Entendo o que me explica, mas ainda assim é bom guardar cautela. Afinal, minhas mãos são o meu principal recurso... para guerrear, e também para amar você!... – Arrematou, significativamente, e com certa ousadia maliciosa.

Relanceou-lhe um olhar apaixonado. E a loura Alexia, vestida encantadoramente com um vestido e manto de um branco translúcido de neve, os mesmos com que Lancelot a avistara com Gawain no dia de sua chegada, apenas lhe sorriu, enigmáticamente, em resposta.

Ж

VII Um Enigma

A primeira hora daquela entrevista algo melindrosa correu, célere, mas Lancelot começava a se inquietar para conseguir de algum modo abordar o tema que queria tratar com a jovem de modo a sossegar suas maiores preocupações, antes da partida com os Cavaleiros para a missão designada nos territórios ao sul da Bretanha.

Compreendeu, todavia, que teria que improvisar algum recurso mais ousado com que conseguisse contornar nas reações da moça as suas perguntas, esquivas aos questionamentos intencionais que lhe dirigia, de entremeio a outros assuntos pueris.

Sabia, portanto, de há muito, que toda a ascendência que exercia sobre a arisca irmã de Arthur provinha do sentimento profundo que ela lhe nutria, ainda que atualmente viesse com impertinência evitando se permitir enveredar por aquele território frágil, no qual por antecipação se reconhecia completamente vulnerável.

Assim, em dado momento em que sem proveito sondara de novo da jovem de que modo mais objetivo realizara ela a façanha de domesticar a fera assustadora que tinham adiante, agora acomodada na relva como gato dócil a dormir, o jovem barão britânico se aproximou mais dela, agora entretida a afagar o pelo sedoso do animal, assentada a seu lado. E, agachando-se, tomou-a novamente pela mão alva, beijando-a e puxando-a com gentileza para levantar-se.

- Venha. Precisamos ultimar umas tantas coisas, das quais te percebo temerosa, por razões que preciso entender!

A isso, como por mágica, o lobo de pronto despertou, e, lançando ao soldado o olhar faiscante, emitiu um rugido de advertência que Alexia, alegre do zelo do animal, logo sossegou.

Inclinou-se, afagando-lhe a cabeça felpuda, e dirigiu-lhe uns termos ininteligíveis para Lancelot, que produziram o imediato efeito de sustar-lhe a postura e o rugido ameaçadores na direção do então tenso guerreiro.

Depois, erguendo-se, e notando que mesmo assim ele persistia segurando-lhe a mão, com intenção de distanciar-se e conduzi-la a passeio pelos arredores, a jovem bretã tornou a se revestir da postura entre defensiva e retraída, que ele lhe notava nos modos desde que retornou da campanha com Arthur.

Aquilo não serviu, porém, para demovê-lo da intenção obstinada que lhe determinava palavras e atitudes na duração daquele encontro. Assim, Alexia sobressaltou-se quando, mais à frente, o suficiente para colocar-se fora das vistas vigilantes do lobo adormecido nas proximidades, Lancelot encostou-se numa reentrância de rochedo à salvo de indiscrições, nas malhas frescas e ensombradas da subida de uma colina íngreme; e, num gesto gentil, mas firme, a trouxe para junto de si, abraçando-a enfim com a mesma intimidade amorosa com que outrora o fazia, muitos anos antes de partirem rumo ao prolongado período de batalha contra os saxões.

- *Milord!* Largue-me!! – Ela preveniu, compelida pelo instinto exageradamente defensivo para com ele, como vinha determinando sua disposição rixenta e enciumada diante dos mexericos a mão cheia que lhe alcançavam os ouvidos, de tempos em tempos, sobre os eventuais casos amorosos do guerreiro. E tentou empurrá-lo, em vão, contrapondo-lhe, sem proveito a força firme dos braços.

No entanto, o que a paralisou em definitivo foi a proximidade do olhar profundo com ele a fixava apaixonadamente, e agora de muito próximo.

- Chegou a hora, afinal, de darmos fim a este nosso distanciamento sem sentido, Alexia! Eu não suporto mais esta ordem incompreensível de coisas, e preciso saber o que anda acontecendo para que te comportes deste modo justo comigo! – Ele explicou, em tom decidido, sem aliviar o aperto com que a retinha – Andas fugindo de mim, sem que te possa questionar devidamente, mas agora sinto-me acuado pela urgência da nossa partida, e não admitirei ir, sem finalmente entender-me contigo! Que há? O que a tem atormentado sem que eu saiba?!...

Olhando-o, tomada de um quase estupor, para certa surpresa do mestre de armas, que interrompeu seu discurso, à espera, pressentindo alguma resposta importante, no entanto, a primeira reação impensada dela superou-lhe as expectativas, na sua intenção de começar a avaliar o que lhe fustigava tão claramente o íntimo para que se pusesse constantemente de guarda contra qualquer proximidade sua.

A moça, soltando chispas assustadoras pelo olhar agora translúcido, e volta e meia empanado por clarões sombrios, disparou uma pergunta chocante, apanhando o guerreiro completamente desprevenido.

- Diga-me, *milord*, mas com verdade, em respeito ao sentimento que dizes que me nutre! Quantos filhos, afinal, tu tens com Vanora?! Dois, ou somente um... aquele pequeno atrevido, que volta e meia corre com frutas roubadas da nossa colheita, pela manhã... e que toda gente reputa uma tua reprodução fiel dos traços e dos modos?!...

A voz saía-lhe um tanto estridente, anormal, enquanto em vão ela tentava empurrar-lhe os braços, para escapar à prisão daquele abraço que quase a levava ao desvario – mais, contudo, pelo sentimento também verdadeiramente atordoador que reconhecia sentir pelo Cavaleiro, contra toda a sua resistência, do que pela sua atitude audaciosa, propriamente dita.

Alexia conhecia-se; amava Lancelot, desde há muito, e incondicionalmente! E sabia que se ele persistisse naquela atitude, provavelmente não resistiria muito tempo ao assédio – e também que jamais se perdoaria por isso, caso não conseguisse, de seu lado, esclarecer outras tantas coisas, que só faltavam enlouquece-la de ciúmes, só em pensar nelas.

- *Filhos?!!*... – Lancelot perdeu-se entre sorrir, em estado de pasmo, e se confundir com o que ouvia, até onde era possível... Mas... Alexia! Que te deu?! A que te referes?!

- Não se faça de sonso, *milord!* É o que toda a Bretanha comenta, não duvide, desde que começaram os rumores de que, da tua própria boca, alguns ouviram que revezavas as atenções daquela serpe com o asno do Bohrs!!! – Ela exclamou, já quase encolerizada.

Entreolharam-se. Alexia, ainda despendendo faíscas dos olhos claros e, a custo, retendo as lágrimas que já ameaçavam descer-lhe pelo rosto enrubescido de raiva. Mas, mesmo ante o impasse atordoador no qual se via metido, Lancelot sabia que não poderia gastar muito tempo preso do dilema em que se esbatia, sem saber se passava na jovem a devida reprimenda pelo absurdo do que proferia, ou se, obedecendo ao seu impulso natural desde o começo daquela entrevista, não a beijava com forte paixão, no interesse inclusive de não dar trela ao acesso temperamental que a moça já ameaçava assacar-lhe, sob o risco sério de despertar contra ele a fúria do monstro peludo que dormitava ali por perto.

Acabou se sobrepondo, nas suas reações instintivas, o impulso do coração. Com firmeza, portanto, estreitou ainda mais a moça agora presa de raivoso choque - e apertou-lhe na boca prolongado, sedento e ardoroso beijo, recebendo de volta alguns socos inúteis, antes de enfim ela se render ao inevitável e, relutante a princípio, perdida nas próprias reações, abraça-lo.

Distanciando-se, por fim, ele ainda recebeu um tapa enraivecido.

- *Tu não me respondeste ainda, demônio!!!* – Ela atacou, e Lancelot a notou trêmula, absolutamente atordoada, presa entre os seus braços.

- Não me julgo na obrigação de responder a tamanha mostra de falta de senso, quando há coisas mais importantes a tratar contigo, Alexia! Então é este autêntico disparate, o que anda te afastando de mim desde o meu retorno?! O ter dado ouvidos, na minha ausência, a mexericos de tal monta?!

- Quando da tua chegada com os outros, não dei ouvidos a nenhum mexerico, *milord*, se assim convenientemente queres qualificar o falatório sobre o qual até agora desconheço a veracidade; porque a realidade é que Vanora também te evita, e cora, só de se falar com ela sobre ti! O que *vi*, Lancelot, com os meus olhos, foi o teu colóquio lânguido com aquela saxã melíflua que guerreia como homens nos campos de batalha, e que vem alinhavando com o meu irmão consórcio matrimonial, ao que vejo, político, no interesse de apaziguar a Bretanha futuramente de um ao outro extremo da ilha - já que os sentimentos, ao que percebo, ela reserva, a sorrelfa, para o seu principal Cavaleiro, que não conseguiu resistir-lhe aos artifícios de bruxa, como também toda gente comenta, mesmo aqui, no ambiente desta fortaleza militar, e não é de hoje!!! – Atacou, duramente, ainda de entremeio a tapas com que fazia por onde soltar-se, rubra de raiva louca. E ainda mais quando, em reação ao que ouvia, do sorriso meio adorado, meio deliciado pelo ciúme patente de que as invectivas davam mostra, o rapaz a cortou, com desastrada anotação:

- *Bruxa?! Milady!* – Riu-se com vontade, meneando - Minha Alexia! Então é Guinevere que realiza as artes incompreensíveis de domesticar e atizar lobos ferozes, usando-os como guarda-costas contra possíveis ameaças?!

A isso, todavia, Alexia explodiu! Entregou-se a verdadeiro acesso escandaloso que afinal acordou o lobo, atraindo-o como um relâmpago das proximidades de onde dormia.

- *Canalha!! Odeio-te, Lancelot!! Odeio-te!!!* – Berrou, chorando alto, esbatendo-se – Como ainda ousa zombar deste jeito de mim?! Foi para isso que me trouxeste aqui?!!

Ele ia responder qualquer coisa, temporizador, mas o latido furioso do lobo de tocaia ali por perto enfim o despertou do idílio de espírito no qual se via para reagir de modo mais apropriado àquela ameaça inoportuna.

Sério, cravou o olhar incendiário na jovem retida apaixonadamente em seus braços, apertando-a mais contra si; e determinou, como quem passa uma descompostura grave numa criança barulhenta e rebelde.

- Escuta, Alexia!! *Cala-te e ouve!!* Sossega este teu cachorro feroz, que, na posição de Cavaleiro, mestre de armas de Arthur, teu tutor e futuro marido, não estou para ser ameaçado por ele como bandido comum!!! *Já!!!* Aquieta este bicho, *agora*, ou eu mesmo providenciarei seu extermínio!!! – Ameaçou, por sua vez sacando, num gesto brusco, da espada, e, com isso, arrancando um grito assustadiço de Alexia, que, empalidecida, e enfim acordando, interpôs:

- *Não!!! Pára, Lancelot*, pelo amor da deusa!!! Ele só está me defendendo da tua truculência!!!

- Não se passe por tola!! *Tu* deste de gritar de repente, como insana!! *Vai!!* – Determinou, com um meneio firme de cabeça, soltando-a momentaneamente – Agora, enxota este bicho!!!

Entre assustada, lívida e chorosa, a moça conteve Brahein. Acarinhou-lhe o pelo eriçado por breves instantes. Cochichou-lhe algumas coisas a mais, e, a um comando seu, o lobo saiu, obediente, em direção às copadas fechadas do bosque circundante.

Feito isso, e sem querer perder mais tempo, o guerreiro, sem retomar o assunto anterior, tornou a puxar a então ainda atônita Alexia para si.

Abraçou-a com naturalidade, e voltou a beijá-la como antes, sem encontrar muita resistência desta vez, para além das lágrimas sentidas que ainda perolavam-lhe os olhos bordados de cílios, escorrendo-lhe, a intervalos, pelo rosto gracioso.

Notando-o, o Cavaleiro interrompeu seu carinho para enfim questioná-la mais objetivamente.

- Alexia... quando se decidirá a me contar o que a está levando a reagir deste jeito em relação a mim?! Não posso admitir que seja pelas razões sem sentido que me expuseste ainda agora! – Quis saber, afagando-lhe as faces molhadas pelo pranto incontido.

- Sinto muito, *milord*... – Ainda daquela vez ela não foi exatamente honesta na resposta, desviando-se para os lados, sem encará-lo – Mas é mesmo pelos motivos que julgas sem sentido!

Lancelot rejeitou, meneando de novo.

- Não pode ser, Alexia! Porque, quando da minha chegada, *nada viste entre mim e Guinevere!* – Frisou – Para além de uma conversa casual e sem maiores significados! E, quanto a filhos com Vanora...

- Tu nunca o admitirias diante de mim, nem uma coisa, nem outra! – Ela rebateu, ainda impertinente, em meio aos soluços que alçavam-lhe os ombros delicados.

Lancelot suspirou, pensando no que diria a seguir. O fato é que a raiva doida de minutos antes já passara, e, de dentro do amor extremo que lhe sentia, já se via consumido por outros sentimentos: por preocupação, por um lado, e por imensa compaixão daquela tortura íntima e, a seu ver, sem razão de ser, minando implacavelmente o íntimo da moça com desconfianças despropositadas.

Se houvera ou não casos seus, sem importância, com Vanora, e posteriormente com Guinevere, em períodos de inconsequência ou de leviandade mais do que comuns naqueles tempos, e no contexto das vidas dos Cavaleiros – sobretudo em ocasiões prolongadas de batalhas violentas que exauriam a todo e qualquer soldado emocionalmente, ressequindo-lhes temporariamente os corações e os espíritos - sabia que aquilo, absolutamente, corria em paralelo ao que sentia e pretendia para com aquela jovem temperamental que tinha junto a si – a irmã de Arthur, seu líder e amigo mais próximo. Jovem a quem amava como nunca a nenhuma outra mulher amara, e que não admitiria perder para pretextos tão absolutamente destituídos de valor ao seu julgamento!

- Alexia... meu amor... – Ele replicou, penalizado do sofrimento reputado inútil, flagrante no modo como ela chorava.

Atraiu-a de novo, dando uma trégua no assunto.

Beijaram-se longamente, com progressiva ardência, e, no silêncio embriagante do bosque perfumado, sem conseguir mais se conter, o Cavaleiro já ensaiava encetar um arremate amoroso mais íntimo e definitivo com a bela irmã de Arthur, quando, a intervalos entre beijos e carícias, de súbito ela recuou de leve, como se tomada por inesperado sobressalto.

Enleado pelos momentos intensos que dividia com a moça, Lancelot se deteve, perdido nos pensamentos, observando-lhe as reações por breve instante, sem entender. E notou-a como se disfarçando a custo alguma nota assustadiça na fisionomia, esquadrinhando as cercanias em certa direção, com os olhos azulíneos e aguçados.

- Que foi, Alexia?! – Ele enfim perguntou. E, diante da inércia paralisada com que reagia, julgou talvez que aquilo se deveria à inibição que os seus avanços progressivos e ardorosos lhe tivessem provocado às reações de jovem inexperiente,

acrescentando – Meu amor, por que não vem comigo? – Sorriu-lhe – Haveremos de nos casar em breve, tudo já está encaminhado com Arthur!

- Tenho que ir! – Foi a resposta urgente, firme, intempestiva, que o sobressaltou de chofre; e, com energia irresistível, ela se desenlaçou dos seus braços, recuando, perdida.

- Ir?! Para onde?! – Instintivamente, ele percorreu o olhar alarmado pelos arredores frondosos dos bosques – O que foi, Alexia?! Aonde vai, assim, sem mais nem menos?! Fiz, ou disse alguma coisa que não devia?! – Perguntou, agora impaciente, segurando-a ainda por uma das mãos, mas ela soltou-se com um puxão.

Relanceou-lhe um olhar ainda úmido, no qual o assustado guerreiro julgou entrever um quase pânico velado nas sombras que lhe ensombravam o lindo azul celeste de suas pupilas - e desfechou, para ainda maior sobressalto do sármata.

- *Milord!* Melhor que não nos vejamos mais! Não te posso prejudicar, e ao meu irmão ao mesmo tempo! Adeus!...

O tom de voz era preso, sofrido. Correu, sem que o atônito guerreiro tivesse tempo de detê-la, deixando-o ali arfante, espantado, andando a esmo; sem entender e conseguir concatenar ideias e ações, durante longos instantes.

Ж

VIII O Rival

Quatro dias antes da partida dos Cavaleiros.

Lancelot não mais se avistara com Alexia após o encontro de dias antes nos bosques, a não ser circunstancialmente, em ocasiões nas quais nunca conseguia encetar com a moça entendimento a sós e a salvo de intervenções inoportunas.

Aquilo vinha roubando o sangue frio do mestre de armas da Irmandade. Conhecia ser impossível definir o tanto que ele e os outros ficariam, naquela última vez, afastados a serviço de Roma, e novamente deixando entregue, a sua pretendida, aos cuidados de pessoas que lhe eram estranhas; à parte Merlin, em quem depositava cota de confiança razoável, a despeito de suas excentricidades.

Mas fora justo este último quem prevenira Arthur da disposição de espírito peculiar reparada em seu principal Cavaleiro, quando de seu retorno do afastamento temporário de poucos dias.

Em entrevista com o líder bretão, como usualmente acontecia, Merlin alertou Arthur para os modos ao mesmo dispersivos quanto obcecados que, alternadamente, Lancelot denotava em sua conduta, durante a arrumação irritadiça de pertences para a viagem próxima, quanto da bagagem que já intencionava deixar a postos para afinal deixar a fortaleza para *Joyeuse Gard*, tão logo retornassem. Todavia, algo na fisionomia do Cavaleiro deixava claro que um problema qualquer, de procedência ignorada, vinha minando-lhe severamente o sossego, no seu mundo íntimo.

Em função disso Arthur o abordou no começo daquela manhã fria, preocupado como estava com o seu principal guerreiro desde as anotações oportunas do velho tutor de sua irmã.

Lancelot recepcionou-o em seu quarto, novamente às voltas com movimentação frenética de arrumação de armas e de pertences, como se estranhamente desejoso de abstrair-se de um pensamento fixo qualquer.

- Perdoe-me se não lhe atendi de imediato ao chamado, Arthur. Estou atrasado no arranjo das minhas coisas! E outros tantos negócios de meu interesse não saíram exatamente como desejado!

Entrando e sentando-se, informalmente, o líder observava-lhe o alheamento claro, confirmando o que lhe advertira Merlin dias antes. E começou a se preocupar também, por outras razões.

- Lancelot... Preciso comentar que causa-me, já de há algum tempo, preocupação determinadas notas em falso na tua conduta. Isto porque não fazem parte do que já de longa data conheço do teu temperamento frio, audaz, e da tua compleição íntima férrea! São destas qualidades que necessitamos na missão em perspectiva, para assegurar aos romanos a autonomia daquele último fiapo de terra que, por razões meramente estratégicas, interessa ao Império manter sob a sua jurisdição; mas confesso não andar te reconhecendo em vários momentos! – E, recostando-se no espaldar de uma cadeira próxima, pensativo e tranquilo como de costume, prosseguiu falando, na tentativa de captar-lhe o suficiente a atenção para que enfim o encarasse e desse termo àquele ir e vir desassossegado pelo quarto – Achas-te, ao que percebo, talvez que na melhor fase da tua vida, depois de afinal ter conquistado o teu salvo-conduto! És um barão opulento, bem-sucedido e respeitado em toda a Bretanha como o melhor e mais audaz dos meus guerreiros! Tens o coração da minha irmã, desde sempre, e a reencontrara tendo te nomeado seu tutor e Cavaleiro, até que afinal decidam o seu destino juntos, então,

Lancelot, apreciaria que me comunicasse o que o vem te amofinando desta forma visível a qualquer um, nos últimos tempos!

Àquela pergunta direta e clara, que certamente não permitiria subterfúgios nos esclarecimentos, o mestre de armas enfim estacou, arfando. E, apoiando-se numa porta, manteve-se de costas para Arthur por um momento, metido numa espécie de dilema interior de cujas causas o outro ainda não suspeitaria, por conseguinte comentando, para arremate.

- És, a par de meu mestre de armas, o meu melhor amigo, Lancelot! Então gostaria de poder ajuda-lo na solução de qualquer eventualidade que o venha incomodando, para que o tenha inteiro na missão algo espinhosa que temos pela frente!

- Já recorri a ajuda, Arthur, e não quis incomodá-lo com fatos inconsistentes! Mas de nada reverteram as minhas iniciativas até agora... e a verdade é que venho me preocupando seriamente com Alexia!... – Começou, reticente.

- Com a minha irmã?! – Arthur levantou-se, admirado, e aproximando-se, de imediato interessado – Mas... que há de errado com ela?! Porventura alguma diferença séria no vosso relacionamento, é o que te rouba a tranquilidade íntima?

- Não... – Ele enfim meneou, colocando-se de frente para o chefe e amigo – Não há diferenças entre nós. Mas venho suspeitando que Alexia se vê acuada, ameaçada por algum inimigo oculto, cuja identidade ainda não consegui apurar!

- Um inimigo... de Alexia?! Mas... Se se trata de algo assim, Lancelot, por obrigação deverias ter logo recorrido a mim! Por que não o fizeste?! – Arthur de pronto cobrou, contrariado e zeloso para com a irmã, mas, a isso, o sármata fez-lhe um gesto conciliador.

- Calma! Sente-se, Arthur! Que afinal vou explicar, o que só não fiz antes, já disse, por não dispor de elementos objetivos que me auxiliassem a lhe esclarecer melhor a situação! Mas o caso é que, mesmo com Tristan e Gawain me ajudando nisso, ainda não conseguimos nada de concreto! Alexia, como bem o sabes, é autossuficiente e superprotetora para contigo! E o personagem em questão, escorregadio como gelo! Oculta-se com facilidade!

- Que personagem é este?! E por qual razão seria inimigo de Alexia?!

- Temo que não seja inimigo de Alexia! Temo que a minha noiva esteja encurralada nalguma chantagem deste indivíduo, que busca vantagens pessoais no entrosamento contigo, com que ainda não conseguimos atinar!

- E quem é, afinal, este indivíduo, Lancelot?! – Teimou Arthur, já impaciente.

- Um militar romano... Não sabemos mais além disso... Porque quem o surpreendeu certa vez, intimidando Alexia, foi Tristan! E não o viu de perto o suficiente para assegurar-se de sua identidade! É esta, ao que entendo, a causa para que ela esteja também teimosamente me distanciando, a cada vez que dela me acerco, com alegações que não fazem qualquer sentido!

- E que pretenderá este homem com minha irmã, envolvendo-me no processo?!

- Tristan ouviu de relance quando, altercando com ela, ele mencionou algo a respeito de “leva-la para Roma!” – Lancelot gesticulou, explicando, irritadiço.

Entreolharam-se, ele e o líder bretão.

- Você entende agora, Arthur?! – o Cavaleiro aludiu, com mais clareza – Estamos há quatro dias de nossa partida e ainda não consegui resolver esta complicação a contento! Quero a qualquer custo descobrir o que se esconde por detrás disso, ou correrei o risco de, de volta, deparar Alexia sequestrada, furtada ao meu convívio e à consolidação do nosso casamento, que é o que mais queremos, e a partir do que partiria com ela para daqui para enfim vivermos em *Joyeuse Gard!*

- Que Merlin diz sobre esta questão enigmática?

- Merlin esteve afastado. E desde então ainda não me entendi com ele! E nem penso que me daria alguma satisfação, caso conhecesse o que se esconde por detrás desta história! Não privo com ele em situação de confiança e intimidade, como lhe acontece!

- Pois comigo, ele há de se abrir! – Arthur afirmou. – Minhas relações com Roma estão quase findadas! Seu arremate será a próxima missão! Mas que nenhum romano venha macular este desfecho com alguma vilania forjada nos bastidores para a obtenção fortuita de vantagens políticas, Lancelot, que é o que já deduzo como explicação mais provável do que me relataste, ou haverei de mover toda a Bretanha num ataque frontal contra quaisquer responsáveis pelo caso aqui sediados!

Levantou-se, decidido, como lhe era habitual aos modos; e despediu-se de Lancelot com brevidade, prometendo-lhe auxílio para que dessem desfecho satisfatório ao problema da maneira mais rápida possível.

Destarte, tanto Arthur quanto Lancelot contariam com o acaso como aliado inesperado no decorrer das horas seguintes.



A noite fechada estava fria e nevoenta. Não prometia nevascas, mas de qualquer modo era tiritante o ar do lado de fora da fortaleza, onde àquelas horas não mais se avistava viv'alma em todo o vasto perímetro do complexo. À exceção de uma moça, solitária e tristonha, a caminhar encolhida e embuçada nos canteiros dos jardins que ornamentavam as proximidades das muralhas, e dois homens encapuzados que, um sem se dar conta da presença do outro, a perseguiram à distância, sem serem notados.

Um deles estacou de repente e emitiu um piado algo sinistro para os ares. A isso, em meio à escuridão da noite, uma ave veio-lhe de encontro em voo rasante e rápido, posando-lhe no ombro, depois do que o personagem encolheu-se qual coruja naquela reentrância alta do forte, prestando atenção a tudo o que acontecia com a sua tutelada lá embaixo.

Foi quando se deu conta de que o segundo personagem se aproximava dela aos poucos por detrás, a sorrelfa, o que fez com que desse um jeito de se deslocar rápido dali, sumindo-se temporariamente, na intenção de avisar a mais alguém no interior do prédio do que acontecia.

Na área debaixo, perto dos jardins, Alexia – pois era ela – parou e deu um espirro. Ressentia-se já da friagem impiedosa do inverno bretão ao relento, durante aquele horário. Mas sentia-se também tão absolutamente dominada pelo desânimo, que desejaria talvez morrer sob a intempérie, a enfrentar o que adivinhava para os dias próximos, com a ausência daquele a quem amava enternecidamente, durante um período que não poderia precisar, justo quando pensava ter ele afinal se livrado do guante romano que lhe impunha batalhas sobre batalhas perigosas em territórios longínquos das terras onde haviam se conhecido e planejavam ser felizes!

Bem a propósito confessava, de si para si, naquele momento, que, sob a dor insuportável da iminência daquela despedida, pouco ou nada lhe importava mais a veracidade dos falatórios maldosos tecidos pelo populacho local e por mulheres invejosas, sobre a conduta supostamente aventureira de Lancelot. Sabia agora, sobrepondo-se a tudo o mais, que o amava de fato, e incondicionalmente! E de que ele lhe dera testemunho suficiente de suas intenções, e da verdade do amor que lhe nutria, naquele pouco tempo decorrido desde o seu retorno.

Maldizia seus acessos de temperamento! E temia profundamente o novo período a se avizinhar, com o mestre de armas distanciado, e apenas contando, outra vez, com a tutela de Merlin, de Prachna, e dos artifícios insólitos que os seus dons sobrenaturais de espírito lhe facultavam, a guisa de defesa eficiente.

E se Lancelot enfim se cansasse dela, após os seus últimos acessos temperamentais, e, na ausência de uma única despedida decente, se interessasse por outra, nas terras pelas quais passaria?!...

Lágrimas brotaram-lhe, impetuosas, dos olhos, diante daqueles temores que a assombravam com ainda maior intensidade sob as rajadas gélidas da invernia noturna, enquanto passeava a esmo por ali, quando, de súbito, ouviu leve rumor se aproximando por detrás.

Alexia voltou-se, num sobressalto, e deu com um vulto indistinto. Largou um grito involuntário e recuou alguns passos, ouvindo logo em seguida, porém, do visitante que parecia interessado em não alarmá-la.

- Não precisa se assustar, *milady*! Vim ao teu encontro preocupado com a tua presença solitária na friagem gélida da noite, no momento em que retornava de uma ronda de inspeção com meus soldados! Melhor seria que entrássemos, para que pudéssemos conversar umas tantas coisas, em ambiente mais adequado!

Arfante, imediatamente desgostosa e assustada, Alexia retrucou, com voz alterada pelo nervosismo.

- Claudio!! Que susto tu me deste! Mas, deixa-me, porque nada quero conversar agora! Acho-me indisposta de espírito, e necessitada de solidão! – Ela logo procurou se desvencilhar, voltando-se e pretendendo acelerar os passos para uma área mais a salvo do edifício, porque ali se achavam isolados demais para se valer de qualquer auxílio em um contratempo, mesmo dos seus lobos.

- Certamente, te desgosta a iminência da partida do teu pretendente! – Ele a acompanhou, à sua revelia - Sinto, Alexia, mas devo dizer-lo, ainda que tal fato te contrarie! Arthur ludibria-o, sem ter disso noção clara, pois ainda não achei ocasião para comunicar-lhe minhas disposições, segundo os informes das autoridades de Roma, coisa que deixei para tratar no dia imediatamente anterior a sua partida para que não exista mau entendido depois, quando tudo estiver consumado! O salvo-conduto de Lancelot, inclusive, possui cláusula atrelada a isto, em contrário do que, haverá de se ver vítima de complicações que cercearão a sua liberdade supostamente conquistada, tanto quanto indisporá Arthur politicamente contra o Império! Precisamos de alianças sólidas que sustentem a nossa boa vizinhança, num futuro incerto! E melhor aliança não há do que um vínculo matrimonial de uma autoridade romana com a irmã do futuro monarca da Bretanha, ademais brindado com a cidadania de Roma, como o é Arthur!

Alexia não podia acreditar no que ouvia, agora detalhadamente, do plano sórdido, que em momento calculado Claudio lhe esmiuçava, lançando-lhe em rosto, com intenção premeditada. E alarmada, chorosa, na sua inexperiência em tais situações de perigo, só lhe ocorreu correr, para subtrair-se da ameaça hedionda que aquele personagem, e o que lhe dizia com brutal frieza, representavam à sua felicidade futura.

- **Monstro!!!** – Ela exclamou, fora de si – Nunca hei de me casar contigo!!! – Explodiu, soluçando, mas Claudio foi-lhe no encalço, sem aliviar a pressão, e sem imaginar que àquela altura era observado pelo terceiro personagem que se evadira rapidamente da cena minutos antes, retornando acompanhado de um outro vulto encapuzado, logo depois.

Alexia deu entrada correndo, às cegas, num galpão de armas, no seu desarvoramento desorientando-se dos caminhos corretos que a conduziriam aos pórticos que a comunicariam com os seus aposentos, em meio à escuridão noturna.

Viu-se, assim, encurralada em situação ainda mais desesperadora, em meio ao breu fechado do ambiente sufocante daquele imenso prédio desconhecido, e, rodopiando por ali, julgou que entraria em pânico, ao sentir umas mãos de ferro segurando-a pelos braços com firmeza, enquanto ouvia a declaração um tanto zombeteira:

- Então, bela bretã! Não adianta mais fugires de mim! Não há mais saída, de qualquer espécie, e melhor fazes em te conformares com o teu destino!

- Meu destino nunca será ao teu lado! *Crápula!*...

A voz de Alexia se fez ouvir estranhamente, de abrupto, em entonação inesperada para o supremo estado de desarvoramento com que Claudio julgou que a encurralaria definitivamente.

De inopino, fantasmagoricamente, em meio à escuridão densa que nada permitia a qualquer um enxergar no ambiente, o romano sentiu as mãos vazias, de modo insólito, depois de ter firmes nelas os braços gelados da moça, que então suave frio, em supremo estado de desespero.

Mas assim que proferiu aquela declaração decidida, em tom estranhamente tranquilo, como por passe de mágica, ela diluiu-se de seu aperto, como se evaporasse. E o que o militar sentiu em contínuo, rente à sua garganta, para a sua completa estupefação, foi o gume de uma faca, quase que enterrando-se-lhe doloridamente na carne.

- Cansei de ser intimidada por teu despotismo, Claudio! Não te atrevas a realizar este teu plano vil, entendes?! Porque hei de por o meu irmão ao corrente da espécie de patife que tu és, e verás, no fim, se o intimidarás, ao principal Cavaleiro da Távola, que teve nas mãos povos e nações incontáveis, com estas tuas vilanias mesquinhas! – A voz sussurrada e aterrorizante da moça soou-lhe inesperadamente, vinda de seu lado como a de um fantasma, um de seus braços frágeis gravateando-o pelo pescoço com o fio do punhal prestes a lhe cortar o fio da vida, pela jugular.

Todavia, também para sobressalto da aguerrida bretã, algo mais se somou, inesperadamente, à sua reação.

Outros dois vultos truculentos imobilizaram o agora encolerizado militar romano. Um lançou-o ao solo, com um garrote violento, e o segundo, em meio à escuridão completa, somou ao punhal da agora transida Alexia o gume de uma espada de punhal maciço, arredando-a para o lado com gentileza, e exclamando, enfim fazendo reconhecer na sua voz trêmula de ódio e indignação o timbre grave do mestre de armas de Arthur.

O outro era Tristan, que fora avisado a tempo pelo vigilante Gawain do passeio preocupante de Alexia na área exterior do prédio, sob a friagem intensa, e em perigosa solitude.

- Desgraçado! Tu vais a julgamento, diante de Arthur, agora! E ainda haverei de acertar pessoalmente contigo as minhas contas, para acerto devido do teres amedrontado e chantageado deste modo vil, por todo este tempo, a minha noiva!! *Romano maldito!!!*... – Vociferou o sármata, doido de raiva.

Ж

IX
Ao Ponto de Partida

- **O quê?! Guinevere vai convosco na missão, Arthur?!** Pela deusa, então que me leves contigo! – Protestava a temperamental Alexia, inconformada, barulhentosamente, tendo retomado os modos do costume depois de ter ficado para trás a resolução a contento dos últimos problemas ameaçadores que a tinham mortificado.

Mais divertindo-se do que se aborrecendo, Arthur voltou-se para ela, afivelando os punhais de seu traje militar.

- Guinevere haverá de ser minha esposa em breve, e tem influência política incontestável, Alexia! O que te incomoda tanto em minha noiva?...

Alexia parou, àquela pergunta, tomada de estupor.

Como haveria de explicar aquilo a ele?!

Depois, lhe ocorreu que talvez Lancelot tivesse participação oculta naquela decisão de Arthur. E, com estes pensamentos turbilhando e tornando o seu coração num caldeirão efervescente, a moça, de um rompante, deixou o salão onde o irmão e Merlin se achavam, batendo a porta.

O mago branco suspirou, com alguma pilhéria.

- Algumas coisas nunca vão mudar, Arthur!... – Comentou, ao que ou outro apenas consentiu, agora com declarada hilaridade.

Alexia empreendeu uma busca impaciente por grande parte do complexo militar. Não encontrando Lancelot em seus aposentos, foi afinal acha-lo lá fora, acariciando o pelo lúcido de seu belo corcel negro.

Aliviado, dominado por outro ânimo na disposição agora arejada e bem-disposta, os olhos escuros do sármata brilharam, logo denunciando intensa emoção apaixonada ao avistar a moça se aproximando.

Todavia, teve que modificar convenientemente a sua postura interna e externa logo que ouviu-lhe as primeiras palavras, pronunciadas nem bem o havia alcançado.

- Foste tu, não, Lancelot?! O responsável indireto por esta decisão de Arthur! Como pôde fazer isso comigo?! – Atacou.

Perto dali, e escutando ao acaso o começo de altercação entre os noivos, Galahad suspirou, trocando com Dagonet uma impressão enfadada, em surdina, enquanto também examinavam as condições das suas montarias.

- Pela deusa! Como Lancelot vai domesticar esta pequena fera, uma vez casados?!

Dagonet aguçou a atenção para acompanhar a continuidade da cena entre o casal.

Lancelot tinha largado as rédeas do cavalo para conter, por antecipação, Alexia pelos braços.

- Espere, Alexia! *Isso, o quê?!* O que eu fiz, desta vez?!

- Convenceste Arthur a levar Guinevere convosco na missão!! É um absurdo!! – Ela esbravejou, doida de raiva, batendo o pé e gesticulando freneticamente, desembaraçando-se das mãos dele.

Todavia, aliviado e bem-humorado como se achava nas últimas horas, Lancelot não parecia disposto a se desfazer deste estado saneado de alma por causa de qualquer frioleira; assim, suspirando, e relanceando na moça um olhar de advertência, avisou.

- Alexia, *pare!* Peço-te! Será que não aprendeu nada com os últimos acontecimentos?! Acabo de sair de uma última batalha sangrenta com aquele crápula, a

quem mandei aos infernos naquele confronto infernal, para resgatar todo o sofrimento pelo qual você passou nas mãos dele, afetando-nos por consequência! E já queres que me empenhe em outro combate? E desta vez, pelo mais ridículo dos motivos?!

- Não chames os meus sentimentos de ridículos, Lancelot! Porque a verdade é que até hoje não me deste provas suficientes de que eram mentiras todos aqueles boatos!!

O mestre de armas, a isso, trocou um olhar de enfado com os amigos em volta. Disso, eles compreenderam que deveriam conceder ao Cavaleiro a necessária privacidade, para contender adequadamente com aquela jovem explosiva.

No entanto, Galahad, um eterno irreverente, e por vezes nos piores momentos possíveis, antes de sair após um comentário aparentemente inofensivo, brincalhão – mas que acabou de atear contra o rapaz toda a cólera incendiária dos ciúmes mal recalçados da moça:

- Lancelot, não se esqueça de se despedir de todos antes da nossa partida! Já falou com Vanora, para lhe permitir falar com os teus dois pequenos?!...

Em choque, com um vulcão furioso em erupção violenta a partir do olhar, o rapaz fulminou o outro guerreiro, saindo rindo-se, sob os sopapos de censura de Dagonet, que ainda ensaiou para Alexia um pedido perdido de desculpas.

Mas agora, explodindo em choro, a irmã de Arthur nada mais ouvia. Investiu contra o mestre de armas com tapas e soluços. E Lancelot, perdido naquele impasse, só não matou Galahad com as próprias mãos por ter que usá-las contendo Alexia, arrastando-a dali para o seu cômodo, onde afinal aplacaria com energia, a princípio, aquela tormenta ameaçadora, para só depois conseguir conversar com ela condignamente, devolvendo-lhe, a custo de palavras sensatas, beijos e prolongadas carícias, o prumo emocional.

Amanheceram no dia seguinte, data da partida dos Cavaleiros da Távola para a sua última missão por Roma, estreitamente aconchegados no leito do rapaz, tendo consumado, antecipadamente, a sua lua-de-mel, cuja correspondente celebração esponsalícia enfim se consolidaria com a volta da comitiva, dois meses depois, em ocasião na qual encontraria Alexia com a notícia feliz do começo de sua primeira gravidez.

Após os festejos, celebrados em noite de primavera florida, perfumada, inesquecível e brilhante, Lancelot a levaria, enfim, para o seu castelo, *Joyeuse Gard*, realizando para ambos o seu maior e tão ansiado sonho.

Ж

FIM

